Para todos...

ANNO XI · NUM. 550 · 29 · JUNHO · 1929 · PREÇO 1$

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor — **RIO DE JANEIRO**

Bibliotheca Scientifica Brasileira

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUCÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16$, enc. .... 20$000

TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedradico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$, enc. .... 40$000

TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25$ cada tomo, enc. cada tomo 30$000

THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30$000, enc. 35$, 2º vol. broch. 25$, enc. .... 30$000

CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20$, enc. . 25$000

FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25$, enc. ...... 30$000

IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. ......, enc. ....

TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. ......, enc.

LITERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo..........

O ANNEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte.......... 2$000

CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno. .... 5$000

COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra. 4$000

PERFUME, versos de Onestaldo de Pennafort. .... 5$000

BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. .... 5$000

LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro. .... 5$000

ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya. .... 5$000

OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch. .... 7$000

A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Alvaro Moreyra, 1 vol. broch. .... 5$000

ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch. .... 6$000

TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho. .... 8$000

ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier. .... 8$000

DESDOBRAMENTO, de Maria Eugenia Celso, broch. .... 5$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart. .... 4$000

HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor 5$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição 20$000

CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart. .... 10$000

CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart. .... 1$500

CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva.. 2$500

QUESTÕES DE ARITHMETICA theoricas e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré.... 10$000

APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. — cart. .... 6$000

LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição). .... 5$000

ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart. ...... 10$000

PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.......... 3$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch. .... 18$000

OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch. .... 18$000

THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart. .... 6$000

HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol. broch. ..

PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20$, 1 vol. broch. .... 16$000

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.).......... 5$000

UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.).......... 10$000

INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe. .... 10$000

PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe.. 6$000

COMO ESCOLHER UMA BÔA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.).......... 4$000

BIBLIA DA SAUDE, enc. .... 16$000

MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch. .... 6$000

EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch. 5$000

A FADA HYGIA, enc. .... 4$000

COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc. .... 5$000

FORMULARIO DA BELLEZA, enc. ..... 14$000

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro -1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Romeu e Julieta

As duas familias renovavam as antigas rixas dos Montecos e Capuletas: sómente que, em vez de se matarem uns aos outros, entabolavam mutuamente processos interminaveis, gastando assim dinheiro, em vez de derramar sangue. Pleiteavam com essa volupia dos processos que constitue um dos gozos da vida de provincia; pleiteavam por colera, despeito e raiva. Naturalmente, tratava-se de futilidades: um arroiozinho que mudava de curso, uma cabra que saltava por cima de uma cerca, etc... E os papeis sellados choviam e os officiaes de Justiça escreviam, no seu estylo barbaro, citações ameaçadoras; os processos se succediam e os gastos tambem.

Ninguem podia explicar como havia nascido essa inimizade entre os Pascuali e os Derica. As duas familias eram visinhas, na aldeia, como no campo, e, quando se encontravam, olhavam-se mutuamente, como cães de fila; as mulheres iam á missa, mas em igrejas differentes; se as senhoritas Pascuali punham vestidos azues, immediatamente as senhoritas Derica estreavam outros, côr-de-rosa; no Conselho Municipal, os Pascuali eram sempre conservadores e os Derica eram sempre da opposição, e, como é natural, nunca estavam de accôrdo. Accrescentem a isto as intrigas, as murmurações, as calumnias, as maldades, as allusões perversas, as palavras de sentido duplo, e terão a medida de todas as pequenas villezas, que, duas familias rivaes e provincianas pódem se propinar.

De repente, Carlos, o filho mais velho dos Pascuali, e Maria, a filha mais nova dos Derica abrazaram-se de paixão violenta e reciproca...

O amor, nas cidades pequenas, não é muito variado: geralmente, as relações começam desde a infancia, firmam-se na época dos brinquedos "de esconder", tornam-se mais intensas durante as festas de familia, e terminam deante do Alcaide e do Vigario. São relações conhecidas, vigiadas, consagradas, registradas, protegidas pelas avós indulgentes, alentadas pelas mães, sabidas por todo o mundo, relações sem nervos, sem lagrimas, sem ternuras, sem fantasia, muito tranquillas, muito lentas, muito frias...

Mas Carlos Pascuali tivera a sorte de passar, uma vez, quinze dias em Napoles, o que o fazia tratar com desprezo os costumes provincianos; e Maria Derica, por seu lado, chorava de noite pelas heroinas de romance e as invejava: de modo que estes dois sêres necessitavam amores excepcionaes. Antes de tudo, houve um olhar furtivo, uma palavra murmurada em voz baixa, um cravo cahido de uma sacada, uma pallidez fortuita... Depois, com a cumplicidade de uma operaria que trabalhava por dia em casa dos paes de Maria, um bilhete e uma resposta, depois, uma cartinha; depois, uma carta grande; depois, epistolas de oito ou dez paginas, que são as que marcam o mais alto grão da loucura amorosa.

Ai! Breve foi a felicidade dos amantes, e logo começaram os seus infortunios! Viram-nos, espiaram-nos, surprehenderam-nos, denunciaram-nos, e todas as iras paternas que podiam provocar, onze processos cahiram sobre as cabeças dos pobres jovens. As janellas foram fechadas, puzeram um cadeado na porta do terraço, cortaram os cravos nos vasos, os passeios foram prohibidos e a hora da missa nos domingos foi constantemente mudada. Mas os dois continuaram amando-se. As reprimendas, os sermões, as privações, as difficuldades, só serviam para atiçar esta chamma. Nas noites de inverno, Maria se levantava, vestia-se, envolvia-se num chale, calçava as babuchas, e, contendo a respiração, tremendo de medo, descia a escada e dirigia-se para uma janella do primeiro andar; Carlos a esperava na rua, encostado a um muro. Falavam assim duas ou tres horas, sem se preoccuparem com a chuva, o frio, ou o somno perdido; falavam sem se verem, a cinco metros de distancia, calando ao menor ruido, sempre com receio de serem surprehendidos no seu colloquio aereo. Mas que lhes importava! Elles tinham na alma a luz, o sol, a primavera, a coragem, o enthusias-

ENLACE MARIA LUIZA DUARTE — DJALMA DE MORAES

mo; não deixariam de fazer isso nem por um imperio. Certa noite, não podendo dormir, o irmão de Maria levantou-se, encontrou a porta entreaberta, ouviu um murmurio de vozes, e descobriu a irmã.

Fechou violentamente a janela no nariz de Carlos, deu uma sonora bofetada em Maria e encerrou-a no quarto.

No dia seguinte, a janela foi, como as outras, condemnada...

Oh, amantes fieis que soffreis de amor desgraçado, imaginae a pena destes dois infelizes! As suas cartas eram illegiveis, porque as lagrimas apagavam os caracteres; linhas inteiras de pontos de admiração estendiam-se como fileiras de soldados em armas, e lançavam imprecações contra a sorte, o destino, a fatalidade e outros sêres impessoaes que não podiam responder. Mil projectos fantasticos eram discutidos e abandonados. Carlos gostaria de fugir com Maria, mas o pae não lhe dava dinheiro, e elle não podia reunir nove liras e meia, para pagar as passagens até Napoles; por um momento pensaram no suicidio, mas depois acharam que isto não era uma solução. Em seguida, o seu amor se regularisou, as imprecações foram sempre as mesmas, e nunca podiam se deitar sem "ter confiado á folha fiel o excesso da sua dôr". Na comarca não se falava de outra cousa, senão da incrivel paixão dos dois jovens e dos seus tormentos; esse par excitava o interesse geral, e, sempre que chegava um estrangeiro, faziam-no visitar as ruinas do amphitheatro romano, e contavam-lhe a historia de Carlos e Maria. Estes, lisonjeados em sua vaidade, adoptavam attitudes adequadas ás circumstancias: ella, pallida, triste, extenuada; não sorria nunca; fallava incessantemente nos seus dias sem jubilo, negando-se a qualquer divertimento, procurando assemelhar-se a uma heroina de Jorge Ohnet; elle fazia grandes passeios solitarios, sempre melancolico, com uma expressão fatal, todo vestido de negro, encantado de inspirar lastima... Em todas as partes conversava-se a respeito daquellas pobres victimas, e Carlos e Maria supportavam dignamente o peso da sua popularidade.

Ao fim de tres ou quatro annos de luctas continuas, de prantos quotidianos, de gemidos e lamentos, os acontecimentos mudaram de curso. Uma mulher de coração (ainda as ha) persuadiu os paes, com grandes esforços de eloquencia, de que os pleitos custavam caro, não adiantavam nada e só eram de proveito para os advogados; que os dois jovens morriam positivamente por causa do seu amor contrariado; que até Jesus Christo perdoára aos seus inimigos, etc... Em resumo, tanto fez, que as duas familias chegaram a uma transacção, cujo primeiro capitulo era o casamento de Carlos com Maria. E' de se julgar que estes se sentissem felizes ante a solução inesperada; assim foi... Mas, força é dizer que a primeira entrevista foi incommoda para ambos. Estavam habituados a ver-se de longe, furtivamente, e a se falarem bem baixinho, na escuridão. Em sua nova posição, desagradaram-se mutuamente e acharam-se um pouco ridiculos. Mais tarde, como já não tinham thema de conversação, não sabiam o que dizer-se e esperavam com impaciencia o momento de se separarem. Por outra parte, como tambem já não tinham lagrimas para misturar com a tinta, deixaram de se escrever. A vida se lhes tornára facil agora; não tinham mais paes irasciveis a quem enganar, nem mais palavras furtivas para sussurrarem no ouvido, nem projectos audazes que formar para o futuro... Iam se casar prosaicamente, como os mais communs dos noivos. Ninguem fixava mais a attenção nelles; agora estavam dentro da lei commum, e já não eram mais modelo de fidelidade. Naquelles momentos, o caso da mulher do alcaide, que parecia ter uma sympathia culpavel pelo substituto, era o que mantinha desperta a actividade da comarca. Os dois noivos sentiram-se abandonados, e uma grande frieza estabeleceu-se entre elles. Carlos pensava que a vir-

Mathilde Serao

COROAÇÃO DA RAINHA DAS TELEPHONISTAS

tude da sua amada, essa virtude que elle exaltara em suas cartas, empallidecia dentro das paredes da casa; Maria considerava que o seu amado era trivial em seus gostos, e que, acabar por um casamento um amor como aquelle, era um acto verdadeiramente indigno de uma admiradora de Ohnet. Trocaram-se entre elles, algumas palavras vivas, sobre "as illusões destruidas pela realidade", sobre "as decepções da vida"... Veiu depois uma briga, depois outra... Uma noite, Maria disse com voz irritada:

— Carlos, separemo-nos.

— Bem, separemo-nos — respondeu elle.

No dia seguinte, Carlos partiu em viagem de negocios; Maria foi para Napoles, para a casa de uma prima, afim de procurar um heróe digno della.

As relações das duas familias foram interrompidas outra vez; o pae de Maria mandou abrir uma janella sobre o pateo do seu visinho; este, para se vingar, fez construir um pombal sobre uma parede da casa do outro; immediatamente, uma citação, depois outra e mais outra; os pleitos tornaram a começar, e desta vez, como dizem os advogados, não ha esperanças de que uma transacção consiga desbaratal-as.

(Traducção de ANELÊH)

●

VERSOS PARA O MEU RELOGIO

Relogio meu que anda juntinho com a minha vida...
Relogio meu que não tem alma e não sente...?
Como você deve ser feliz por não ter alma,
por não ter vida como tem a gente...

Relogio meu que bate tão baixinho...
você não ama, não...
E você bate... bate,
como se tambem tivesse coração...

K I S L I N G
La jeunne fille au collier

Relogio meu que anda juntinho com a minha vida...
que bate sempre, sem parar...
Você ha de ficar sempre batendo
depois que a minha vida se acabar...

DARCIO MOREIRA A. FERREIRA

São Paulo, 4—29.

NOITE DE UM TRISTE NUMA NOITE DE SÃO JOÃO

Do meu desalento, fiz uma alegria
E a tristeza, demonio alado,
fugiu sorrateiramente
da alegria,
num dia em que eu vivia de um sonho.

Vi castellos formidaveis
tomarem a fórma do meu nome...

Vi mulheres cotubas
passarem numa correria louca
derramando beijos
que cahiam em minha bocca...

Vi rios de dinheiros deslisarem
sob a minha barca d'algibeira...

Vi, emfim, a Felicidade vestida de chimera...
E fiz deste meu sonho,
deste grande pesadelo,
um balão cheio de esperanças
que subiu... subiu... subiu...
mas, de repente, como era noite de São João,
esbarrou-se noutro balão: — **Realidade!**
Nunca mais a alegria me visitou...

JOSE' DE AÇIO RODRIGUES

DIDI CAILLET

A intelligencia e a belleza illuminam a juventude radiosa de Didi Caillet, cujo espirito fino e dotes physicos resaltam de sua linda figura, tão justamente celebrada no recente certamen, que elegeu a mais bella do Brasil.

Não foi o prestigio de "Miss Paraná" que exaltou a formosura de Didi Caillet; foi esta, pelo seu talento, pela sua arte, por sua graça, que augmentou a gloria de "Miss Paraná".

A linda patricia da terra dos pinheiros — metropole do Sul — impressionou os circulos mentaes do Rio, por ser bella e ser intelligente.

Seus recitaes de declamação causaram um grande e consideravel exito, fixado na memoria dos nossos poetas e escriptores.

P. C.

Os musicos do Norte

Este é Nelson Ferreira, a quem a critica septentrional considera "O Principe dos Compositores Nortistas". Nelson está no Rio. Chegou na época luminosa das "misses". E escreveu, para uma edição da "Casa Carlos Wehrs", uma linda valsa intitulada: "Beijo-te os pés, Miss Brasil !". Oswaldo Santiago, o poeta de "Gritos do meu Silencio", fez a letra. E Nelson Ferreira já anda por ahi, nos ouvidos e na alma da gente do Rio.

• • •

Desanimo

A Alvaro de Almeida

E' tarde, minha amiga, é muito tarde
Para tornar ao que era antigamente,
Para a chamma ideal, que já não arde,
De novo crepitar, vermelha e ardente !

Vê tu como soffri, como chorei
Para ficar assim, neste torpor...
Vê bem por que desgraças eu passei
Para viver perdido nesta dôr !

E' tarde... é muito tarde para, agora,
Reconquistar o enthusiasmo antigo,
E recobrar o animo que, outrora,
Tu sempre viste a pelejar commigo !

Deixa-me aqui !... Prosegue o teu caminho,
Sem fraquejar, o teu ideal buscando,
Que eu fico bemdizendo o teu carinho...
Sem nunca te olvidar... por ti rezando !

Continúa a jornada e sê feliz,
Que eu me sinto sem forças, sem vontade...
E é tão longe, tão longe esse paiz
Onde iria encontrar felicidade !...

PAULO GUSTAVO

O Theatro Carlos Gomes, da Empreza Loyola, de Ribeirão Preto, e que é uma casa de diversões de primeira ordem, dedicou uma sessão cinematographica a "O TICO-TICO". Esta photographia focaliza um aspecto da festa, com a distribuição gratuita aos presentes de exemplares da graciosa e querida revista da infancia.

A mudança dos escriptorios do "O Malho"

Tendo a firma desta praça Alexandre Ribeiro & C.ia feito vantajosa proposta pelo resto de contracto do predio que occupamos á Rua do Ouvidor, 164, e que resolvemos acceitar, communicamos aos nossos annunciantes, agentes e leitores que, dentro em breve, teremos que mudar os nossos escriptorios. As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", continuarão no edificio proprio, á Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á praça e ao publico em geral, que a Sociedade Anonyma "O Malho" nada deve — vencido, ou a vencer-se — não tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para communicar, ainda, que acceitamos proposta para compra de um predio no centro da cidade, no perimetro comprehendido entre a Rua Buenos Aires e a Rua do Passeio e entre a Rua 1° de Março e a Avenida Passos.

Calvin Coolidge e Herbert Hoover, o antigo e o novo presidente dos Estados Unidos.

●

O ciume apascenta-se de duvidas e receios, e sobe ao auge de furor, ou fenece, quando estes se convertem em realidade.

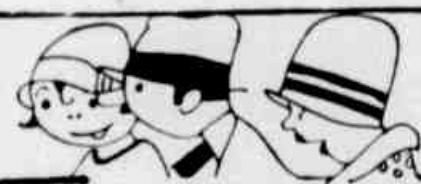
Bahianinha

Na estrada da vida, tão carecida, meu Deus, de perfume,
Embriaguei-me do cheiro forte de você:
"Morena mais linda do mundo de Christo !"

Narinas abertas, seios alerta, olhar não-sei-não...
Doçuras de valsa em corpo de maxixe,
Eu desejo o perigo de você.

Serpente, é que dizem. Mas, peor que a serpente,
Que arremette sómente quando ferida:
Você, "morena mais linda do mundo de Christo !"
Fere pelo prazer requintado de ver succumbir.

Abelha...
O gozo fatal de ser o zangão do amor de você:
Rolar, glorificando com o meu sacrificio,
O corpo bamboleante de você.

BRASILEIRO FILHO

Um milagre scientifico numa realidade artistica

A experiencia e a inventiva dos technicos da Companhia Brunswick, — "leader" das fabricas de apparelhos super phonographicos da America do Norte — crearam a maravilhosa

PANATROPE Brunswick

3 N C 8

COM RADIOLA SUPERHETERODYNE

Esse apparelho é o resultado de successivos aperfeiçoamentos, tendentes a alcançar o mais elevado grão em materia de orthophonia.

A sua apresentação nos meios artisticos dos Estados Unidos despertou não sómente admiração, mas um justo enthusiasmo, por demonstrar um progresso formidavel da sciencia acustica ao serviço da mais bella das artes.

Os artistas do bel canto, como os mestres instrumentalistas, são unanimes em consagrar este apparelho como **O MAIS PERFEITO** entre os de sua classe.

VENDEDORES AUTORIZADOS NO RIO DE JANEIRO

ASSUMPÇÃO & CIA. LTDA.	Avenida Rio Branco, 147
CASA SOTERO	Rua Assembléa, 79
CASA VIEIRA MACHADO	Rua Ouvidor, 179
FALLER & CIA.	Rua M. Floriano, 5
M. BARROS & CIA.	Rua S. José, 66
PETROPOLIS CREDITO MOVEL	Petropolis
SALGADO & MORIZE	Rua Sachet, 7

Distribuidores:

ASSUMPÇÃO & CIA. LTDA. —— RIO e SÃO PAULO

A terra em tal maneira é graciosa que, em se querendo, dar-se-ha nella tudo, per bem das aguas que tem

O MEU Brasil parece que é feito todinho de raiz de pripriora. E' cheiroso. E' bonito. E' bom. Dá vontade da gente guardar e não dizer pra ninguem que guardou.

O meu Brasil tem uma porção de annos mas parece que não cresceu. Ficou menino. E menino ingenuo. Educado. Que não fuma nem diz nome feio.

E isto é assim desde o começo. Desde aquelle anno de 1.500 em que o senhor Pedro Alvares Cabral ganhou a maior loteria da época.

Foi um assombro. Nunca se tinha visto monte mais bonito que o monte Paschoal. Nem bahia que chegasse aos pés de São Salvador. A turma se enthusiasmou tanto, que o grave senhor Pero Vaz Caminha perdeu a compostura e mandou aquella carta indecente...

Começou então a chegar gente de todo lado. Principalmente de Portugal. Chegava portuguez que nem mosca. E fizeram disto aqui uma colonia.

O meu Brasil era colonia porque era. Depois um portuguez entendeu de fazer um Imperio e fez. Fez, convenceu a turma de que ella estava independente e começou a mandar. O povo olhava, achava bonito o titulo do negocio — "Imperio do Brasil" — e se ajoelhava quando o homensinho passava.

Depois veio um outro que o povo gostou de verdade. Bem no fundo do coração. Era intelligente. Era brasileiro. Camarada. Deixava todo mundo beijar a mão delle e dava dinheiro pros pobres. O que o povo queria, já se sabe, elle fazia. Foi o senhor Dão Pedro Segundo. Era uma adoração por aquelle homem que só vendo...

Pois bem. Já no fim da vida delle, uma duzia de sujeitos entendeu de acabar com aquillo. O povo não soube dessa resolução. Elles se combinaram, se armaram e vieram pra rua. Na falta de ter o que fazer, fizeram a Republica.

O povo ficou sem saber o que era aquillo. Gente pra todo o lado. Soldado tambem. E no meio disto tudo, Pedro Segundo afflicto com a gente delle.

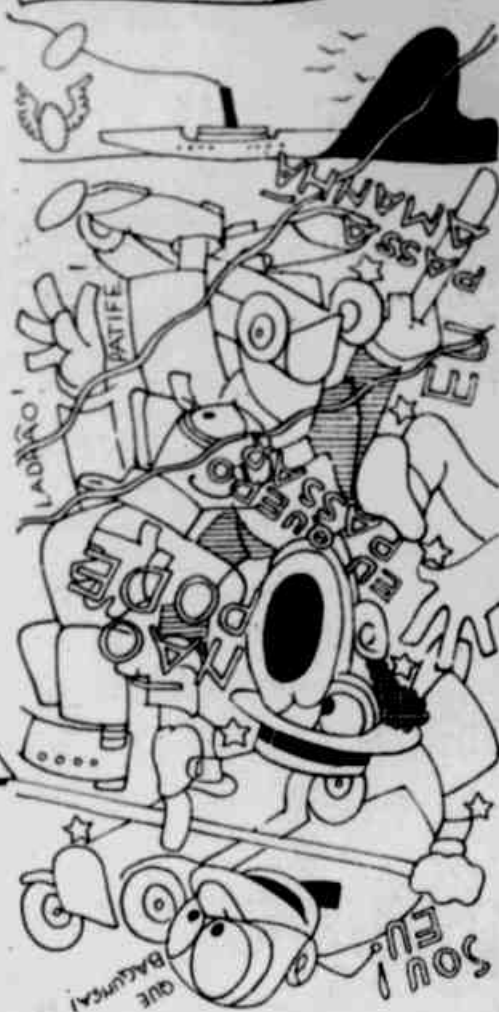
Pois foi assim. Pedro Segundo foi embora. E o povo só fazia rir pelo canto da bocca. Sem comprehender.

A Republica veio porque tinha que vir... Esse negocio de ser ou não ser preciso não tinha importancia... O povo se conformou. E já que não podia ser outra coisa passou a ser republicano...

— Agora quem manda aqui sou eu, não é cidadão?

— Logico, naturalmente, agora você é quem manda aqui...

E'. Engraçado. Elle é quem manda aqui.

Os senhores sabiam?...

DANTE COSTA

DESENHOS DE

INVERNO QUENTE DO RIO

LARGO
DO
MACHADO

DOMINGO
DE
MANHÃ.

DEPOIS
DA
MISSA DAS ONZE.

Manhã de Lisieux

(*NOTAS DE VIAGEM*)

— DE —

RIBEIRO COUTO

Pittorescas habitações, normandas, em Lisieux.

ESTE ar de Lisieux é quasi como um ar de monasterio. Velhas ruas estreitas, casas silenciosas com balcões floridos... Passam meninas de grossos tamancos normandos, a caminho da escola. No meio dellas, qual será a nova santa? Meu coração bate de ternura olhando essas caras frescas e rosadas como maçãs maduras. Tambem Santa Theresinha do Menino Jesus, ha pouco tempo, andava por estas ruas, de tamanquinhos. Não é este pensamento tão doce que faz florir o balcão das velhas casas de madeira?

O' Lisieux, ha tantos annos que eu te imaginava! Como é ineffavel o instante da tua descoberta, na delicada neblina da manhã de inverno! Sorriu para todas as tuas cousas. Todas as tuas cousas me parecem ungidas de humildade. Na vitrina do pastelleiro, ha um bolo complicado com a imagem, em assucar, de Santa Theresinha. Com certo espanto verifico que no verdureiro da esquina os rabanetes são iguaes a todos os rabanetes do mundo. Porque não nascem elles com aquella imagem? Não, Lisieux, esta idéa é pura: sem o minimo veneno de ironia. Eu não posso comprehender que a tua santa não esteja por toda parte, reproduzida nas fructas e nos legumes, da mesma fóma por que a industria humana a copiou na pastellaria, nos cartões postaes e nos lenços de lembrança.

Sigo pelas ruas de Lisieux completamente feliz. Velhinhas de coifa normanda, apoiadas em bastões nodosos, vão para a missa. O inglez fatal já tomou o seu banho e anda por ahi, de polainas de panno e boné de casemira, conduzindo uma ingleza feia, uma kodak e um cachimbo. Um sino começa a recitar um poema, de longas syllabas sonoras. Lisieux faz a sua devoção matinal.

Todas as janellas têm a sua cortina. Atraz dellas é a felicidade domestica. Uma mulher espia... Tiro o chapeu, saudando com escandalo.

De repente, entre fundos de casas, ao longo de uma travessa obscura, um corrego de aguas negras. Sob um telheiro decrepito, as lavadeiras mergulham a roupa na barrela, batem-n'a á beira da corrente. A' tona, boiam detrictos indefiniveis. Si a roupa ficar branca — vou pensando — será ainda por milagre. A santinha está por toda parte...

Desemboco numa rua commercial. Depois, o mercado. As donas de casa com os saccos de compras á mão, discutem preços. Sobre as bancas molhadas o peixe que chegou de Honfleur, de madrugada, scintilla. Cachos de banana das Canarias. Cestos de maçãs mirradas. Coelhos e aves mortas, pendentes.

Lisieux — A igreja de Saint Jacques.

Velhas casas de Lisieux.

De novo entre as casas quietas das viellas antigas, penetro-me de recolhimento, de meditação, de vago sonho. Desejo não sei quê. No extremo de uma rua avisto as janellas ogivaes de uma igreja gothica. Vou ajoelhar-me uns minutos dentro da grande nave, na sombra, entre vitraes que resplandecem. Nos altares estão santos maravilhosos, lindos, pallidos. Não, não são elles que eu quero. Saio. Já um pouco de sol appareceu dentre a neblina. O sino continua dizendo em voz alta a ballada infinita.

Toda Lisieux é a tua igreja, ó santinha do meu paiz! Para lá, quando tossias, querias ir... Assim, ao andar agora pelas ruas amigas do teu burgo medieval, tua lembrança obseda-me. Em vão procuro a delicia de errar despreoccupado. A' revelia dos meus instinctos vagabundos, o coração está em extase e agradece, agradece constantemente, constantemente, todas as graças que te pedi e que me déste. Não é elle que faz dobrar o sino declamativo da igreja de Saint Jacques?

Atraz da neblina, na claridade frouxa do sol tardio, parece que me sorris, E's tão bonita!

O' amiga! Não faz mal que a ex-rainha D. Amelia de Portugal te agradeça uma graça recebida. Os milagres de que mais gostas são os que fazes no Brasil. Nós sabemos...

O' amiga do Brasil! Bom dia!

Cabeça da estatua de Jesus que vae ser collocada no alto do Corcovado

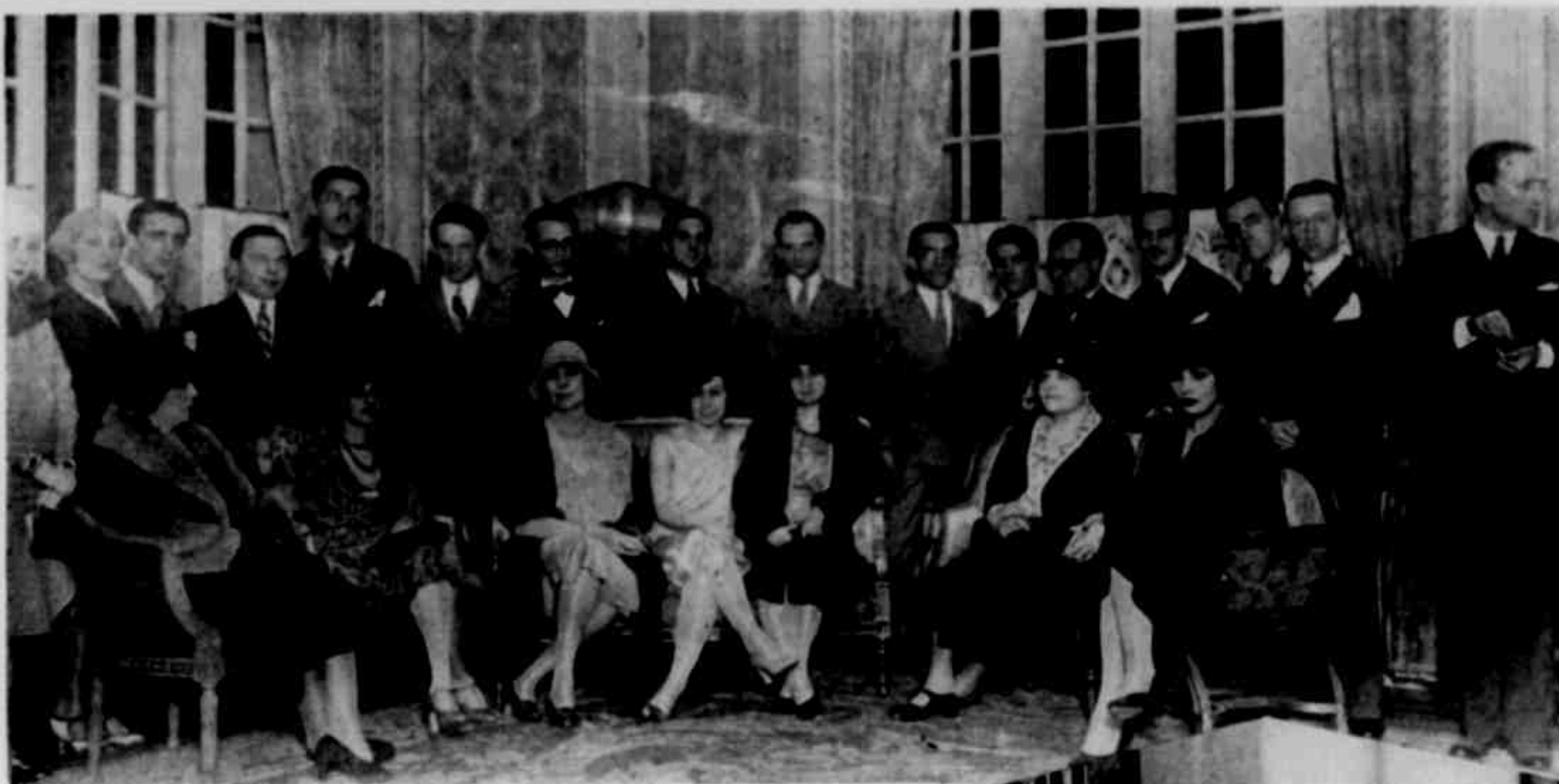
A p p e l l o

O Cardeal Arcebispo, o Arcebispo Coadjutor, o Vigario da Parochia e as Commissões Parochiaes, — confiantes na boa vontade e enthusiasmo com que toda a população desta cidade acolheu a idéa da erecção do Monumento ao Christo Redemptor e animados pela generosidade com que concorreu para a sua realisação, agora já bem adeantada, no Alto do Corcovado, — veem de novo recorrer e pedir a V. Ex. não recuse a NOSSO SENHOR e ao BRASIL mais uma contribuição sua e de cada pessoa de sua familia, para que não haja interrupção nem paralysação dos trabalhos, e em breve prazo, como esperam, conduzida seja a feliz termo essa obra grandiosa, verdadeiramente condigna da sua alta finalidade symbolica e da sumptuosidade incomparavel da nossa terra !

Por esse acto de generosidade christã, confessam-se agradecidos e rogam a Deus recompense a V. Ex. com toda a sorte de bençãos para a sua pessoa, Exma. Familia e todos os que lhe são caros.

Rio de Janeiro, em Junho de 1929.

Pela Commissão Central Executiva

Mons. Luiz Gonzaga do Carmo
1º Vice-presidente

No Hotel Gloria, dia 19, quando a senhorita Elora Possolo leu os seus livros "Alma Serena" (versos) e "Sinceridade e Ironia", (prosa), que vão apparecer breve. Foi uma hora linda e intelligente que a joven escriptora deu a todos que lá estiveram e a applaudiram, desde logo, pelo exito que esperam esses dois trabalhos bem sentidos e bem pensados. Pessoas que compareceram: O director da Instrucção, Dr. Fernando de Azevedo, Dr. Jonathas Serrano (director technico) que se fizeram representar, os Drs. Leonardos e Couto e Silva pelo Dr. Mario de Brito, presidente da A. B. E., os escriptores João Ribeiro, critico literario do J. do Brasil, representado por seu filho; Horacio Cartier, Alvaro Moreyra, Barreto Filho, Di Cavalcanti, Tasso da Silveira, Paes Barreto, Malba Tahan d'"O Jornal", Maria Eugenia Celso, Sylvia Patricia, do "Correio da Manhã", senhora Di Cavalcanti, senhoritas Candido Mendes, as senhoras Vera Delgado, Eugenia Alvaro Moreyra, Adelia Delgado de Carvalho, representantes da Imprensa, etc.

• • • • •

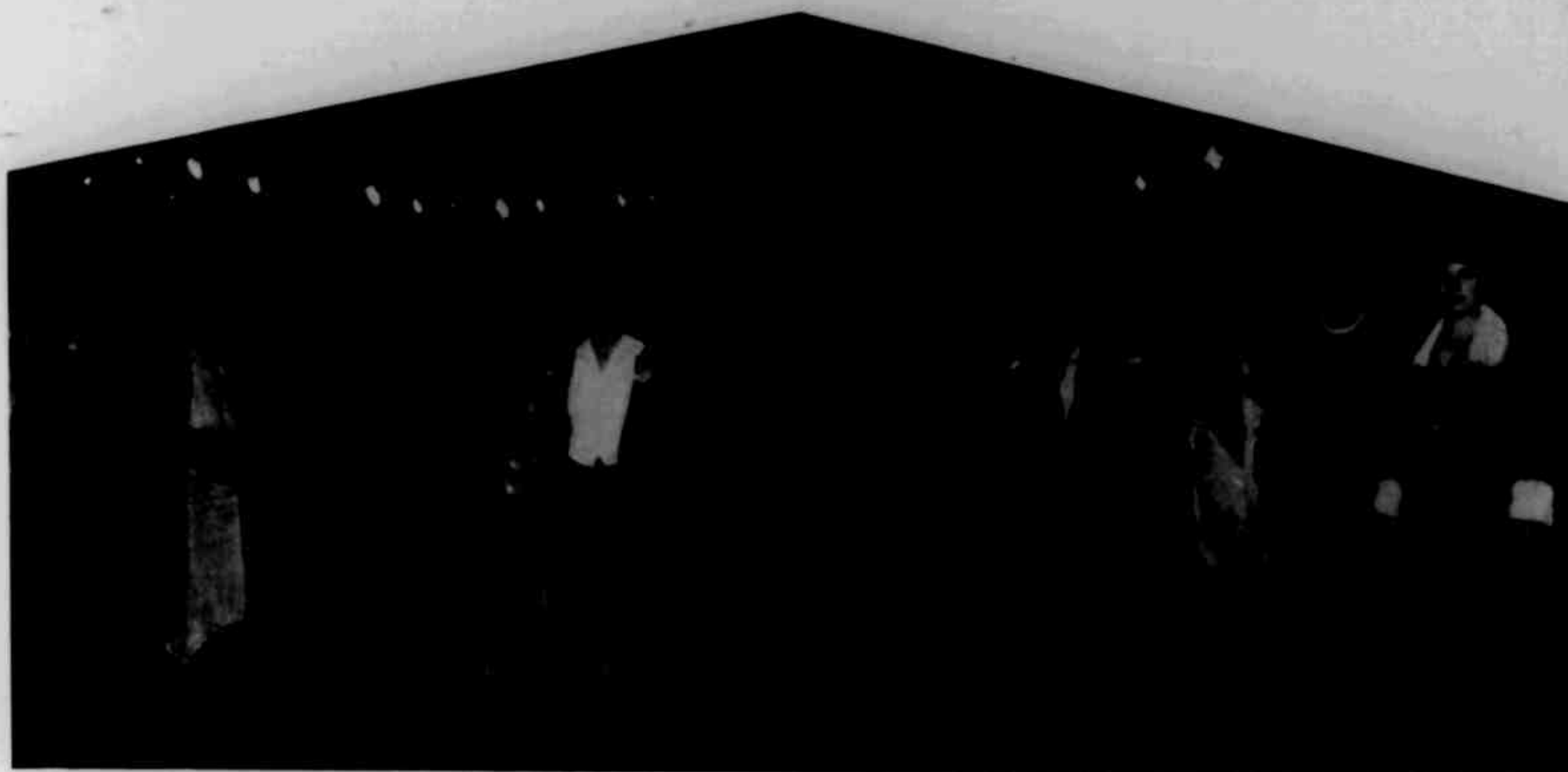
Só farta é você querê

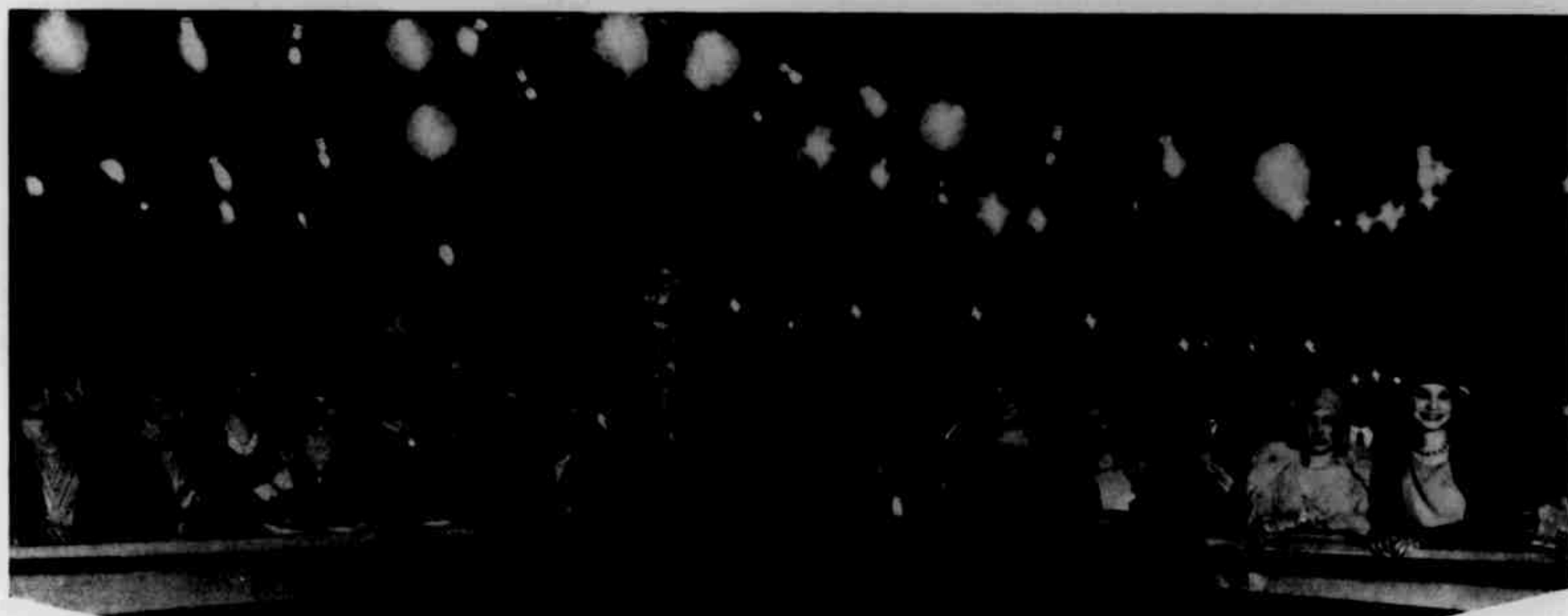
Fiz uma casa bonita,
Que só vendo se acredita!
Não tem taipa nem sapê,
Toda de teia e tijollo,
Bonita que dá consolo,
Só farta é você querê...

Já prantei minha roseira,
Prantei minha larangeira,
Pés de cravo e um ipê
Tem tambem pra d'strahi
Um bicudo e um bem-te-vi.
Só farta é você querê...

Tem lá na arcôva espaçosa
Uma rede cor de rosa,
(Nem sei se devo dizê)
Uma rede que ao despois
Bem pode cabê nós dois...
Só farta é você querê...

Comprei touca, um maracá,
Arfazema pra queimá,
E tambem é bom sabê
Qu'inté já tenho pensado
Num nome pra baptisado...
Só farta é você querê...

GILBERTO DE ANDRADE

N O P R A I A C L U B E M C O P A C A B A N A

F E S T A D E S Ã O J O Ã O

O senhor Fernando de Magalhães inaugurando o monumento de Machado de Assis na Academia Brasileira

O trabalho de esculptura é de Humberto Cozzo.

Estiveram presentes todos os Academicos do Rio.

N O I T E D E S Ã O J O Ã O

Em casa do Major Octaviano Gonçalves

PAYSAGENS PERTO DAS PYRAMIDES

A BEIRA DO NILO

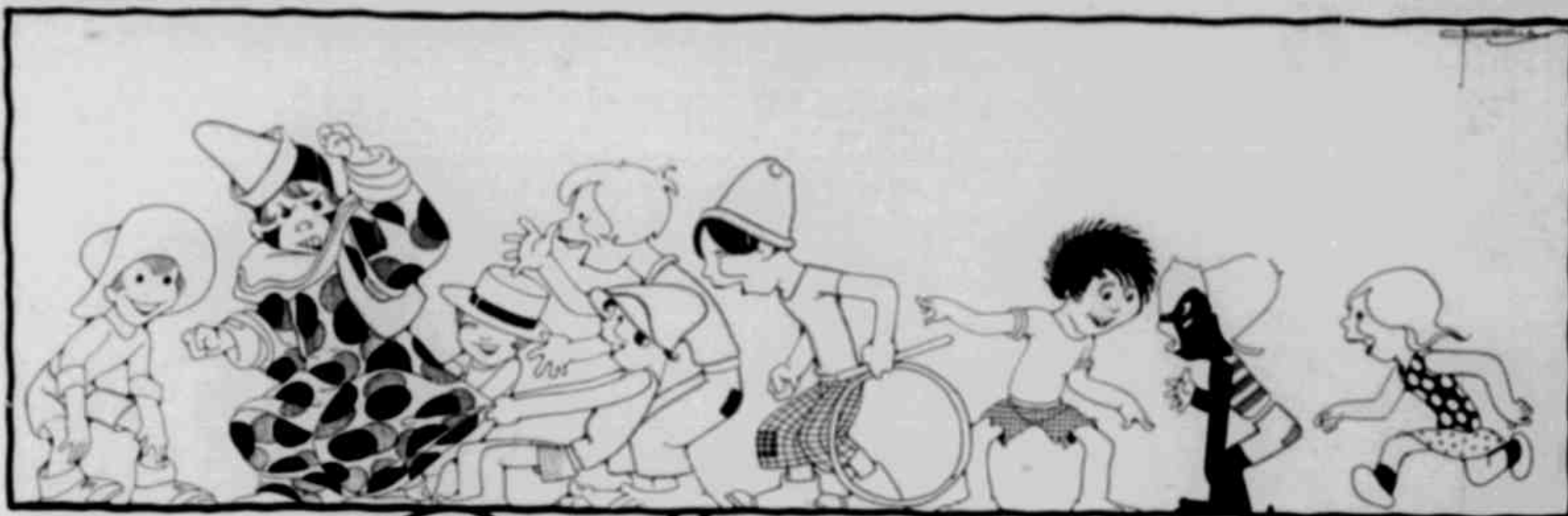
EGYPTO

GRANDE PYRAMIDE DE CHEOPS

CAIRO

A Sphinge de Gizeh

Enlace Nina Miró — Mathias Monteiro de Barros.

Depois do casamento, que se realizou em Curityba, Paraná.

Por Flora Porrolo

Palhacinho

desenho de J. Carlos

NÃO tinha mãe; não conhecêra o pae. Criara-se entre a creançada da rua. E para esta como para todos elle era simplesmente: O PALHACINHO.

Possuia na verdade uma carinha engraçada, com um narizito arrebitado que provocava ainda maior o riso do que as suas pilherias.

Manhã cedo já andava ás cambalhotas pelo meio fio, as calças rôtas, a camisinha suja aberta sobre o peito, o velho gôrro posto de banda, um cigarro á bocca, os pequeninos pés calçados de lama. E os seus ditos e as suas caretas faziam rir a todos que passavam. Era o personagem mais conhecido do bairro. E se não o mais importante pelo menos um dos mais amados. A maior sisudez quebrava-se ante as suas gaiatices.

Palhacinho ia pelos seus nove annos. Aprendera a lêr nos jornaes e nas taboletas dos bondes; com um decrepito cão de rua a acariciar e a querer bem. E além das suas caretas, das suas pilherias e cambalhotas, era só o que sabia. E já sabia muito: ha tanta gente que nem isso sabe!... E elle, com toda essa sciencia era uma creaturinha feliz.

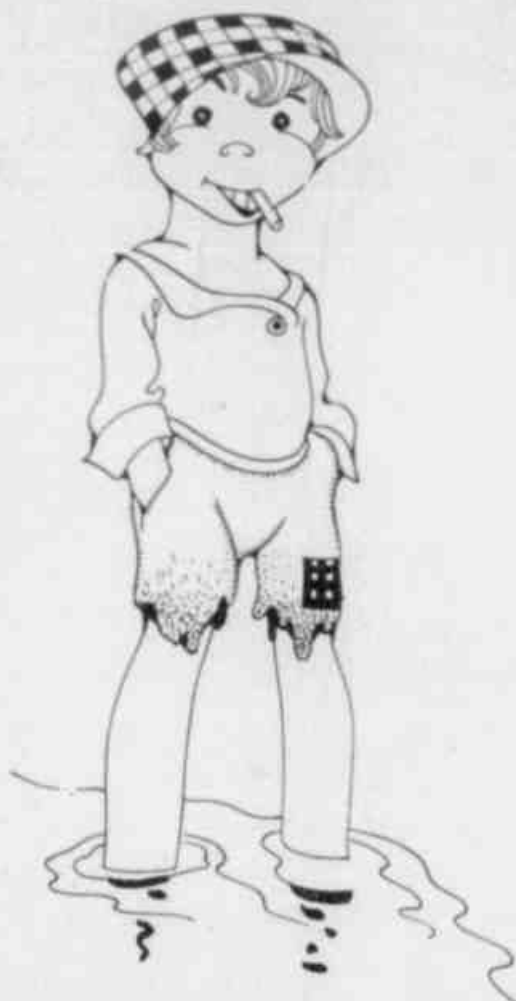
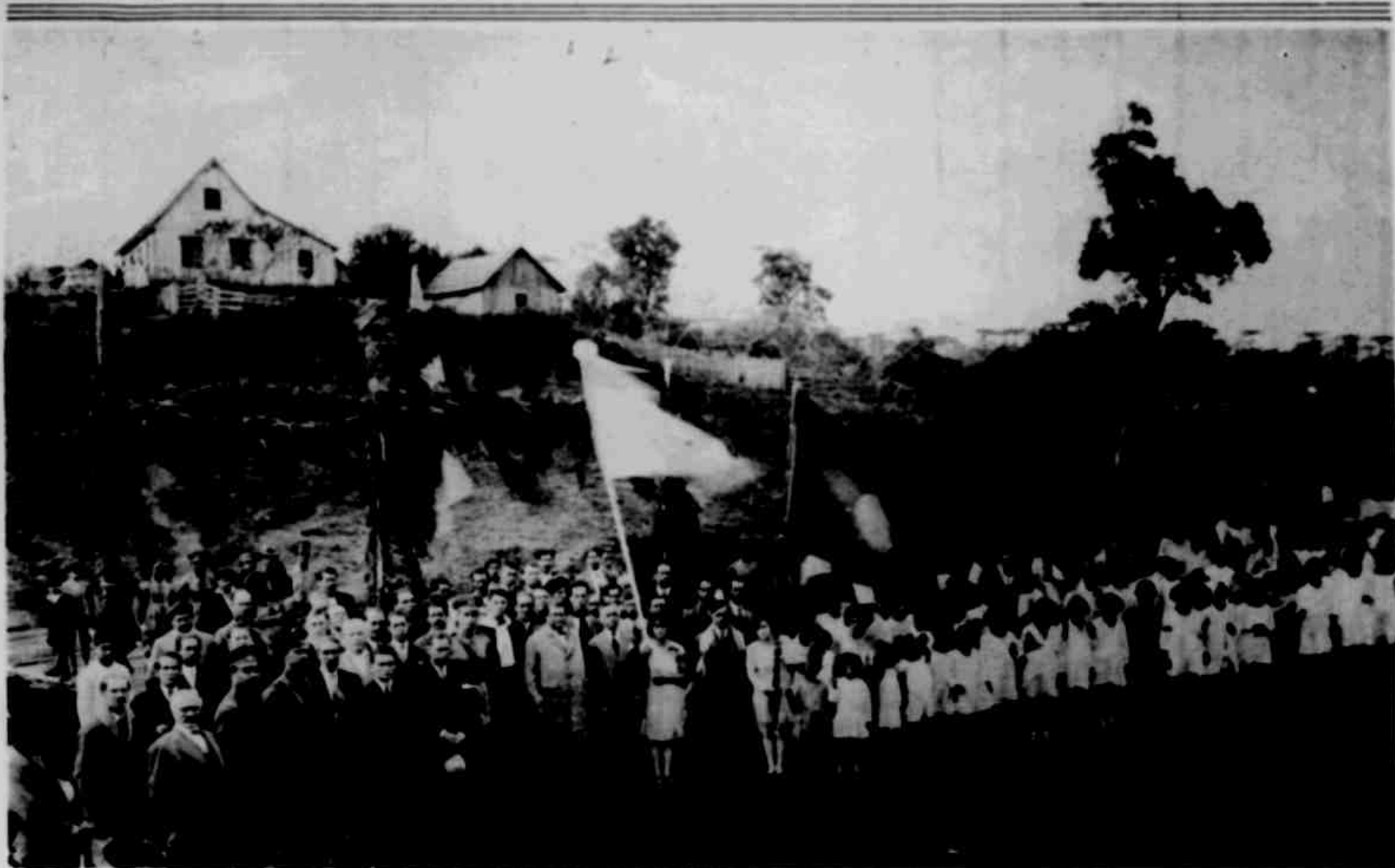
Vivia na despreoccupação dos que não pensam e olham para o mundo com alma singela, cheia de uma imaginação boa... Mas o Carnaval chegou... E uma senhora rica que lhe achava muita graça deu-lhe a fantasia velha de um dos filhos: uma roupinha gaiata de palhaço!

Palhacinho estava radiante! Abraçado com a roupa dansava, pulava, ria e batia palmas! Nunca sentira tanta alegria! Nem mesmo no dia do seu primeiro cigarro!

Agora, sim, seria um palhacinho de verdade! E em cada nicho de armario ou porta por que passava ia ensaiando uma série nova de caretas. Ao vestir, porém, a roupa, teve a primeira decepção: não fôra expressamente feita para o tamanho de seu corpo. Dois Palhacinhos cabiam dentro della!

Dobrou as calças por demais longas: dobrou-as em cima na cintura; dobrou-as em baixo. Apertou quanto poude a blusa enorme. Estava grotesco: mais palhaço do que todos os palhaços! Sahiu assim mesmo. Mal podia andar, porém. A roupa lhe atrapalhava os movimentos e além disso não o deixavam em paz. A creançada da rua puzera-se toda atraz delle.

E vaiavam-no, puxavam-no, chegaram mesmo a rasgal-o. Palhacinho nunca se sentira tão sem graça! E aos poucos enervado, aborrecido, entediado começou a experimentar a amargura da vida e achar más as creaturas. Ah! como tinha horror agora áquella roupinha de palhaço com que, entretanto, sonhára tanto tempo! Despil-a!... como ansiava por despil-a!... Pobre Palhacinho, consola-te! Quanta gente como tu, quanta gente, vive a sonhar qualquer cousa, uma roupinha de palhaço ou um trapo de gloria e logo ao vestil-o experimenta a amargura de tua decepção!

Sonhos deste mundo só são bons emquanto sonhos! Ai de nós se tentamos concretizal-os!... Pobre, pobre de ti, Palhacinho!...

Em cima: homenagem das autoridades argentinas ao chefe do governo de Santa Catharina.

A EXCURSÃO DO PRESIDENTE ADOLPHO KONDER

No meio: o Presidente Adolpho Konder, ladeado pelo Desembargador José Boiteux e pelo Dr. Arthur Costa, chefe de Policia, com a sua comitiva, na viagem de Mondahy para Dionisio Cerqueira.

Em baixo: vista parcial de Dionisio Cerqueira: "Barracon".

No Palacio da Nunciatura antes do banquete que o Embaixador da Santa Sé offereceu ao Embaixador da Italia

Sociedade

A procura de mesas para a noite de 6 de Julho tem sido enorme.

O Rio vae ter assim a sua primeira "boite de nuit".

Quinta-feira da semana passada, os casaes Paulo e Pedro Serrado offereceram um elegante jantar a um grupo de pessoas de suas relações. Estavam presentes: senhorita Helena de Almeida Lisbôa, senhor Sergio da Rocha Miranda, senhorita Lasinha Luis Carlos, senhor Oswaldo Penido, senhorita Lycia Sá Pereira, senhor Marcello Castello Branco, senhorita Vivi Penido, senhor João Augusto Penido, senhorita Laura Novis e senhor Luiz Menezes.

Inaugura-se, hoje, o "Chá Russo", na Feira de Amostras, organisado pela illustre senhora Zuleika Mayrinck, em beneficio de instituições de caridade.

VICTOR VICTORINO

Para os que vão frequentemente á Europa, os que gostam de divertimentos e para os estrangeiros que nos visitam, nada ha de mais triste, de mais desconsolador do que a vida nocturna do Rio de Janeiro. Durante o dia, o espectaculo sem par das nossas montanhas, do nosso céo azul, de mil visões incomparaveis. Os turistas extasiam-se ante o Pão de Assucar, commovem-se com o Corcovado e dão gritos de admiração quando passam pelas praias maravilhosas de Copacabana e Ipanema.

Depois, anoitece. Janta-se, vae-se a um cinema ou a um theatro e... cama.

Ahi, fatalmente, vêm as recordações das alegres noites de Paris: os jantares do "Ciro's", exposição permanente e divertida dos "parvenus" norte e sul americanos, o "Grand Ecart", "Chez Florence", depois, ás quatro da manhã, as canções negras da "Plantation"...

E a gente chega a pensar então, que se o Rio tivesse um pouquinho de vida nocturna elegante, seria a cidade melhor e mais linda desse mundo...

Por isso, a inauguração do "Coq d'Or", sabbado proximo, vae constituir um dos maiores acontecimentos da presente estação.

A linda "boite russe" que Gilberto está decorando, nas noites de assignatura do Lyrico ou do Municipal, vae abrigar o que ha de mais elegante no nosso "grand monde".

"Coq d'Or" terá a elegancia do "Grand Ecart" e do "Pile ou face" e o ambiente de sonho de "Casanova" e do "Sheerazade". Helena Gorewa, uma artista russa deliciosa, será a grande attracção da nova "boite", em seu repertorio da "folk-lore" russo.

Depois de amanhã, segunda-feira, serão enviados permanentes a um limitadissimo numero de pessoas.

●

Senhorita Helena de Magalhães Castro, artista que todo o Brasil tem applaudido e que vae á Sevilha representar, convidada pelo nosso governo, a canção e a poesia nacional. Antes dará dois lindos recitaes de até á volta no Theatro Casino, amanhã de noite, e dia 4 de tarde.

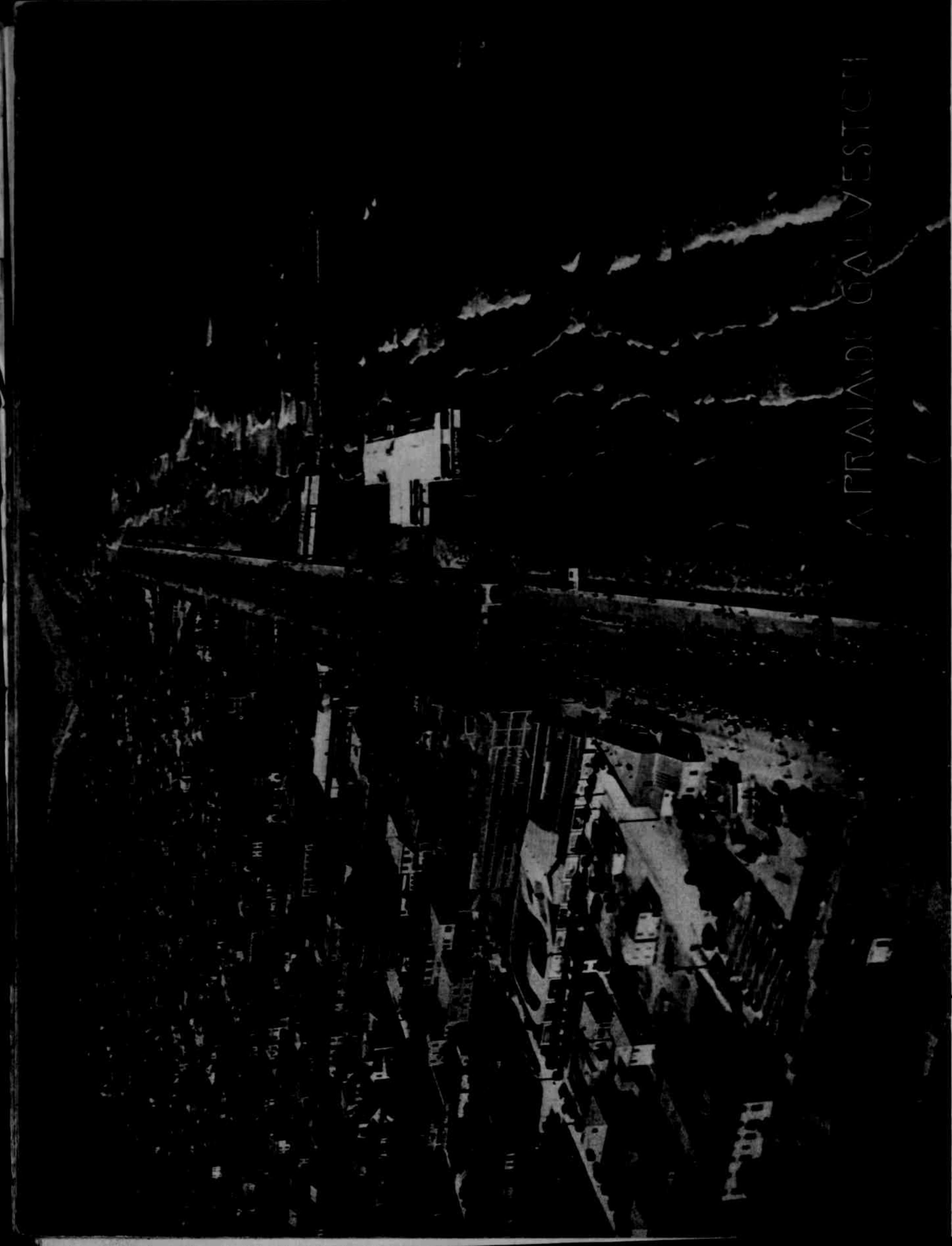
●

A MUDANÇA DOS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Tendo a firma desta praça Alexandre Ribeiro & Cia. feito vantajosa proposta que resolvemos acceitar, pelo resto de contracto do predio que occupamos á Rua do Ouvidor, 164, communicamos aos nossos annunciantes, agentes e leitores que, dentro em breve, teremos que mudar os nossos escriptorios. As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", continuarão no edificio proprio, á Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Outrosim, fazemos sciente á praça e ao publico em geral que a Sociedade Anonyma "O Malho" nada deve — vencido, ou a vencer-se — não tendo, portanto, passivo.

Aproveitamos este ensejo para annunciar que, desejando um predio no centro da cidade, acceitamos propostas para a compra de um no perimetro comprehendido entre a Rua Buenos Aires e a Rua do Passeio e entre a Rua 1º de Março e a Avenida Passos.

A PRAIA DE GALVESTON

Olga Bergamini de Sá accendendo a lampada da inspiração brasileira na festa de poesia em New York.

No centro, em cima: com o Consul Geral do Brasil, senhor Sebastião Sampaio; Mayor of the City of New York, Jimmy Walker, e senhora Bergamini de Sá, no palacio da Prefeitura de New York.

Miss Br

Olga Bergamini de Sá, ainda a bordo do "Western World", ao chegar á cidade dos arranha-céos.

No centro, em baixo: logo depois de desembarcar, com Mr. James S. Carson, da American Brazilian Association, senhora Bergamini de Sá, Mr. John Mc E. Bown, Sebastião Sampaio, Waldemar Bergamini de Sá e senhora Sebastião Sampaio.

Ella foi Miss Broux, depois Miss New York, depois Miss America e quasi que foi Miss Universo...

Centro Israelita "Bené Herzl"

O ed'ficio proprio, inaugurado ema 16 deste mez, f'ca á rua Conse.heiro Jos'no n. 14 (Esplanada do Senado). A colon'a israel'ta a.i se reun'u á tarde e ali f'cou até tarde, depois da sessão solemne e da benção proferida pelo Grande Rabb'no Dr. Isaias Raffalovich, no baile que se prolongou alegre e cordial'ssimo.

Sociedade Paulista

Felicia Medeiros
— Miss Avaré —

Pagú. Collaboradora de "Para todos" E' normalista, pinta bonecos e é declamadora.

SENHORITA JURANDYRA PASCHOAL
(Photo — Schubernis.)

O MILAGRE

A' Senhorita BILA ORTIZ, prototypo da belleza e da mentalidade da mulher gaucha.

EM casa, todos diziam que elle era atheu. Então Maria-Adelaide, a velha cozinheira, que era uma catholica fervorosa e convicta, portanto intransigente em materia de religião, — que o tinha trazido ao collo e muitas vezes lhe déra leite dos proprios peitos, — essa era quem mais fundamente o perseguia com anathemas e quem tambem com mais calor o defendia se alguma outra pessôa, seguindo-lhe o exemplo, o accusasse.

O rapaz, porém, ignorava essa guerra surda que lhe moviam, porque, em casa, só havia creados — velhos e devotados servidores da familia, da qual só elle existia agora, — e esses naturalmente não se atreviam a dizer á viva voz o que pensavam a respeito das suas idéas e do seu modo de viver. Era, portanto, uma guerra que lhe não fazia mal absolutamente algum. Fervilhava, apenas, nos commentarios dessa creadagem sisuda, mas devotada, que a longa permanencia ao serviço de patrões sempre methodicos, fizéra ficar circumspecta. Desenvolvia-se intra-muros, durante os serões que ordinariamente passavam na cozinha ou na cópa, depois da ceia, quando o rapaz se fechava na Bibliotheca a lêr e a fumar — como uma alma penada, diziam elles, — e nunca chegava a tomar proporções offensivas, antes pelo contrario, incubava-se cada vez mais, como se fosse uma conspiração politica que estivesse sob as vistas da policia.

Isso, aliás, provinha de dois motivos bem extravagantes, como se vae vêr:

O rapaz viera ha pouco tempo da cidade, onde estivera desde creança e sendo-lhes, por conseguinte, quasi estranho, tornara-se-lhes, desde logo, um ente hostil e odioso, ao qual elles se não podiam acostumar, apesar do respeito que, como amo, lhe tributavam apparentemente; ahi estava o primeiro motivo. O segundo era duma singularidade inacreditavel: — o rapaz não dava ordens, não tinha exigencias, não formulava censuras, — emfim, não falava sinão raramente, e essa negligencia, respeito aos interesses da casa, propria da sua inexperiencia da vida, essa falta de rigôr tão necessaria á certa classe de creados, ao que todos esses da casa estavam habituadissimos, era uma offensa que elles pretendiam ter continuamente sobre a face, affectando-lhes a dedicação, o respeito e a dignidade com que sempre tinham servido áquella antiga familia.

— E', um presumido, um tolo, esse senhor Alfredo!

— Um ingrato, o que elle é!

— Não se lembra mais, decerto, que fomos nós que suámos para fazer-lhe a fortuna e que lhe acompanhamos a mãe, sempre, aqui, neste deserto!

E por ahi em deante, eram estas e outras peores as queixas e allegações que andavam sempre na bocca dos creados, principalmente na da lavandeira Margarida, mulata velha, gordissima, que se balançava toda quando andava, ou na do João Pedro, velho portuguez, magro como um palito, que cuidava da horta e do jardim e que á força de sustentar as sêbes com estacas, na época das colheitas, para evitar a temivel offensiva dos garotos da estrada, adquirira o habito de andar a todo o momento segurando as calças na persuasão de que estas lhe cahiam, muito embora isso não acontecesse, seguras como ellas estavam sempre por uma larga faixa de tricôt.

O rapaz passava os dias e as noites metido comsigo mesmo, sem pronunciar palavra e sem sahir de casa. Desde que chegára da cidade, formado em direito, sepultára-se dentro das salas enormes daquelle velho casarão de provincia e ahi curtia, com a coragem dum estoico, a dôr immensa que um tropeço da sorte lhe offerecera, logo ao entrar na vida, cerca de um anno atraz, mais ou menos.

A mãe, nobre e bondosa senhora, morrera em desastre ferro-viario dum nocturno de luxo, quando ia á cidade fazer-lhe a costumada visita annual, desta vez mais necessaria ainda, por ser a ultima, visto que elle viria com ella, descançar em casa da longa jornada lectiva.

Por isso, nem o ardor dos seus vinte e dois annos tinha podido offerecer resistencia á tristeza que tão justamente o invadira, depois dessa perda irreparavel. A mãe fôra tudo para elle; morta ella, tudo desapparecera, pois.

O enthusiasmo com que estudára; a alegria com que recebera a merecida palma; as illusões que tinham povoado o seu espirito moço, enchendo-lhe a vida de chiméras deliciosas, — tudo desapparecera, de repente, no fragôr desse acontecimento horroroso.

Viéra primeiramente, a allucinação do desespero, depois o martyrio da dôr e agora subsistia, como uma resonancia, uma magua dolorosa e sentida, que lhe arrebatava a mocidade e a vida. A sua alma não tivéra pois o deliquio natural que nos succede, quando um desses golpes rudes do Destino nos attingem; ficára vencida, horrivelmente vencida. E o corpo soffria a consequencia dessa ferida moral. Definhava dia a dia, como se um mal physico, desconhecido e horrivel, o consumisse irreparavelmente.

Dahi resultava pois a reserva do rapaz, que os creados tão mal interpretavam.

* * *

Os mezes, que se succediam com rapidez, não modificavam a situação, que parecia tornar-se infindavel se, afinal, não tivesse occorrido, como occorreu, um acontecimento notavel na vida pacata daquella fazendola.

Era domingo de paschôa. Um dia de sol maravilhoso. Todo o campo sorria, florido, depois de uma longa semana de chuva e de nevoeiro. De manhã, cêdo, quando os camponezes, a cavallo, em carroças e a pé, enchiam a estrada larga e luminosa, com trajos berrantes e garridos, em demanda á capella alvacenta que se via em cima de um outeiro, banhada de luz, — Alfredo sahiu, pela vez primeira depois que ali chegára, com grande surpreza para os creados, que logo julgaram fosse elle assistir missa.

O sino da pequena capella bimbalhava festivamente, enchendo de sons harmoniosos as colinas e os campos...

O rapaz partiu, pela estrada, silencioso e curvado como um velho, mas tomou rumo contrario ao de toda gente, e desappareceu pouco depois, numa das curvas, atraz dum massiço de plantas.

Quando voltou, cerca do meio dia, o almoço estava prompto. Maria-Adelaide que findára a tarefa culinaria, estava no pateo, intrigada, a olhar para baixo, investigando a estrada para ver de que parte surgiria o rapaz. Viu-o entrar, com alegria, porque lhe notou um ar mais animado do que tivera até ali, e ao dar-lhe os bons dias, foi com surpreza que ella ouviu delle as seguintes palavras, ditas com emoção:

— Fui ao cemiterio, Maria-Adelaide. Vi as rosas que puzeste no tumulo de minha mãe. São lindas, tão lindas como ella o

DAS ROSAS

ALVARO DELFINO

DESENHO DE J. CARLOS

era... Onde conseguiste aquellas rosas de França?... nunca as tinha visto aqui...

Maria-Adelaide sorriu, contristada. Não tinha sido ella, nem ninguem de casa. Na ultima semana, toda de chuvas, não tinham podido fazer a costumada visita ao tumulo da senhora. Devia ser engano... Explicou-lhe isso tudo, attribuindo-lhe uma confusão natural, nelle principalmente que ia pela segunda vez áquelle cemiterio, pequeno é verdade, mas com muitos tumulos semelhantes, para facilitar um equivoco a qualquer pessôa menos pratica que ella, ou que os outros creados de casa...

O rapaz protestou: não se enganára, não! Estivera toda a manhã deante do tumulo da mãe bem amada, tinha bem certeza! Lêra cem vezes o epitaphio modesto e vira outras tantas, as rosas maravilhosas, frescas e vivas como se estivessem ainda na propria roseira.

Maria-Adelaide calou. Serviu em silencio o almoço e ao fim, depois de pensar um pouco, sentenciou, convicta, que, não tendo ido ninguem de casa ao cemiterio e nem existindo por ali rosas de França, só poderia ter sido Santa Therezinha quem collocára o ramo no tumulo da senhora. Era a santa, sim! A senhora tinha-lhe devoção especial, não havia duvida!

Alfredo não contestou. Maria-Adelaide tomou coragem, confiada no resultado da primeira insinuação. Falou na promettida chuva de rosas, citou episodios da vida da santinha, e quando o rapaz, condescendente, lhe perguntou como sabia isso tudo, foi, com o coração preso nos labios, que ella declinou o nome do livro, que terminára de lêr extasiada:

— A historia de uma Alma...

Pesou um silencio maior do que Maria-Adelaide desejára.

O rapaz recolheu-se, subitamente ao mutismo costumado, e assim abandonou a sala de jantar.

A semana decorreu pacatamente, sem que nenhum outro acontecimento viésse ampliar o escasso circulo dos assumptos da cozinha e da cópa. O domingo voltou emfim e com elle resurgiu a estupefacção da creadagem: — Alfredo sahira outra vez, á mesma hora do domingo anterior.

Maria-Adelaide apenas soube do facto, poz á discreção da cozinha, toda a sua dinamica energia. Apressou tanto quanto possivel a faina e, quando a viu, afinal, terminada, sahiu, esbaforida, para excercer no pateo a vigilancia tão precisa á sua curiosidade relamboria. Viu o rapaz surgir do mesmo lado: mas desta vez não teve a paciencia necessaria de aguardar lá em cima a sua passagem. Veio ao seu encontro solicitamente, dando-lhe os bons dias, com o alvoroço intencionado de quem não se conformaria em ter o cumprimento sómente correspondido.

O rapaz, porém, olhou-a apenas, sem deter-se, não fazendo portanto reparo nos seus modos claramente interrogativos, e foi directamente para a sala de jantar.

Desta vez elle vinha menos animado. Havia no seu todo, sinão a tristeza que sempre o acompanhava, ao menos uma preoccupação maior, que o tornava ainda mais distrahido e alheio a tudo o que o cercava.

A velha cozinheira serviu o almoço, como de costume, mas não poude supportar por mais tempo o silencio e lá pelas tantas rebentou:

— Foi ao cemiterio, senhor Alfredo?

O rapaz mirou-a surprehendido como uma pessôa que, em pleno somno, tivesse sido despertada de repente por algum ruido abalador.

— Fui. — respondeu seccamente.

Maria-Adelaide não gostou da resposta, embora a esperasse, mas não tugiu nem mugiu. Comprehendeu que tinha sido indiscreta e ficou, apesar disso, raivosa com o insuccesso. Enfiou pela cozinha a dentro e lá permaneceu até quando o rapaz, tendo terminado de almoçar, levantava-se da mesa.

— Não quer café? — interrogou com solicitude um tanto forçada.

Não, obrigado.

Em vista da resposta, a creada pôz-se a retirar as louças da mesa, cuidando porém dissimuladamente o amo, que, ao contrario dos outros dias, não ia para a Bibliotheca e sim sahia em direcção ao jardim.

No pateo andava um pretinho com um papagaio ás voltas. — Charuto, — disse,

(Termina no fim do numero)

O NOVO EDIFICIO DO "CORREIO DA MANHÃ" DESTINADO EXCLUSIVAMENTE AOS SEUS DIVERSOS SERVIÇOS.

THEATRO

De Paris — "Les Trois Sœurs", de Tchékhov, são um dos especimens mais caracteristicos da literatura russa do fim do seculo passado. Inspirada directamente na nossa escola naturalista, guardando entretanto um cunho s'avo muito especial para adaptar ao theatro a arte viva dos nossos grandes romancistas. Com alguns traços, com algumas replicas de uma scena ligeira, elle compõe typos inolvidaveis pelo seu relevo. Mas "Trois Sœurs", onde quasi não ha acção, nos descreve a existencia monotona e apagada de uma pequena cidade. Todos os seus personagens são vencidos da vida: que a preguiça, a bebida, o orgulho intellectual, a tendencia romanesca, a falta de energia fazem cahir numa mediocridade mesquinha e lamentavel. Os sonhos de gloria ou de felicidade esvaem-se um por um. E apezar das dolorosas desillusões, persistem em ter fé num futuro em que os homens serão mais felizes, a sociedade mais bem constituida. Quizeram ver nisso um presentimento prophetico da revolução futura. Não estão, porém, nessa sociedade de pequenos burguezes, de pequenos funccionarios, de humildes professores, de officiaes que foram recrutados, os agentes do bolchevismo. Ao contrario, foram esses as primeiras victimas do cataclysmo social. Mas a sua molleza, a sua fraqueza de acção explicam que não tenham podido se oppôr á revolução. Será necessario accrescentar que a companhia Pitoëff interpretou "Les Trois Sœurs" como só ella, sem duvida, o podia fazer em Paris? O sotaque estrangeiro de diversos interpretes é mais um encanto e crêa o ambiente. Mme. Ludmilla Pitoëff, que transfigura em poesia commovente esse pobre drama quotidiano. Mmes. Marie Kalff, especie de Bovary russa, cheia de revolta contida, Germanova, Alice Reichen, M. M. Georges Pitoëff, Jean d'Yd, Jean Hort, Carpentier, de Vos e o resto da companhia vivem os seus papeis com a mesma intelligencia e o mesmo realismo expressivo; Mme. Paulette Pax, admiravel de veia comica no papel de uma burgueza autoritaria, impertinente e "coquette", com vestidos deliciosos e extravagantes que eram o supra summo da elegancia em 1895, teve um successo pessoal muito justificado e merecido. A traducção do drama de Tchékhov é de M. e Mme. Pitoëff com a collaboração de Pierre-Jean Jouve. O espectaculo, no seu conjuncto é um dos melhores do "Théâtre des Arts".

Ivette Rosoien, do Recreio

Está em moda, hoje, fazer as gerações se affrontarem. E' um jogo perigoso de generalisações arbitrarias. O autor de "C'est le Dieu de la Jeunesse", no "Théâtre des Arts", Mme. Claude Dagil esforça-se nesse sentido com um mixto de ingenuidade e de literatura que não exclue de todo um certo instincto dramatico. Primeiro o pae, politico de antes da guerra: é preciso uma forte dóse de boa vontade para admittir, apezar da autoridade e corpulencia que lhe dá o Sr. Grétillat, que a Republica o tenha escolhido para presidente do Conselho; o filho mais velho, ex-combatente, que se tornou um "raté" da paz, aggressivo e irritado; emfim, o "menor de vinte e cinco annos", creado nos "bars", cynico, seductor, amoral, que acabaria na Casa de Correcção se o anjo providencial que "a paixão dos quarenta annos" tornou a segunda mulher de seu pae, não vendesse suas joias para pagar as lettras falsas que elle assignára. Essa Magali provençal, que guardou durante dois actos o vestuario e a alma de Mireilla, mostra-se, um tanto rapidamente, conhecedora da vida moderna. E para completar o quadro, uma moça moderna, que guia um automovel de corrida, especula na Bolsa, e namora desbragadamente, para acabar, resignada e quasi feliz, num casamento burguez. A interpretação bastante fraca, com excepção do Sr. Grétillat, não contribue nada — não obstante as lagrimas de Mlle. Alice Dufrêne, a agitação de Mlle. Yvonne Hébert ou o desembaraço forçado de M. André Fouché — para nos transmittir emoção sincera ou a illusão da vida.

Espectaculo abundante na "Comédie-Française": quatro peças, seis actos...

"Idylle", de Alfred de Musset, que foi representado apenas uma vez em 1905, é uma scena curta em verso que oppõe dois typos: o romantismo idealista e — já! — o "menor de trinta annos" realista e pratico; foi deliciosamente representada pelos Srs. Guilhène e Jean Marchat.

"Un châtiment" é tirado de uma novella de Paul Bourget pelos Srs. Truffier e Jacques Chanu. Um joven archeologo pobre e arrivista, rouba medalhas preciosas durante a visita que faz a um mosteiro; descoberto por um monge, surprehende-o e confunde-o a generosidade do seu perdão. Ahi tambem affrontam-se duas idades: a do ambicioso sem escrupulos e a do seu

Edith Falcão, do Carlos Gomes

velho mestre de consciencia pura. Os Srs. Denis A. Inês, Chambreuil e Marchat interpretam esses personagens com muita expressão.

"Un déjeuner d'amoureuse", do Sr. André Birateau é um acto de uma sensibilidade fina que agradou muito. Um divorciado organizou em sua casa um almoço opiparo para um primeiro encontro amoroso. O "tête-a-tête" é interrompido pela visita quinzenal de seu filho, que elle havia esquecido completamente. A dama que ignorava a existencia do menino, vae-se, despeitada. A creança, porém, fica extasiada e enternecida: "São para elle todas essas coisas boas? Então, seu pae gosta delle?" Não gostava até então, mas vae começar agora. O Sr. Roger Monteaux, Mlle Ronéx e o joven Feldmann são, ora alegres, ora melancolicos e cheios de emoção.

A peça de resistencia é "Pauvre Napoléon", de Bernard Zimmer. Simples anecdota inspirada num conto de Pierre Mille, segundo as Memorias de Montholon. Em Santa Helena, o Imperador desthronado recebe um emissario de Luiz XVIII, um marquez antigo emigrado que havia sido, outr'ora, seu coronel e seu rival junto a uma moça de Valença. Todo o interesse está em nos mostrar, em vez do super-homem da legenda, um "pobre homem", como os outros, envelhecido, desmazellado, doente, vulgar, emfim, uma caricatura: para regosijar o "Anti-Plutarque". Reconhece-se nisso a maneira incisiva e ironica do Sr. Bernard Zimmer, mas essa contra-historia — se assim me posso exprimir — não será tão falsa quanto a outra? O Sr. Granval interpreta esse Napoleão inesperado de um modo assombroso. Os Srs. Desjardins, Ledoux, Pierre Bertin, Dorival acompanham-no perfeitamente.

Só um poeta poderia idealizar "Boubouroche": o Sr. Marcel A c h a r d escreveu "Jean de la Lune" para a "Comédie des Champs Elysées". E' uma peça encantadora, saltitante, feita desses pequeninos nadas que querem dizer muita coisa, profunda sem o parecer, que á alegria continua alia uma especie de ternura intima, ironica e sensivel, optimista e desilludida, de construcção e de significação toda modernas. Vão sonhador incuravel, Jef, que s e u s amigos appellidaram "Jean de la Lune", não acredita no mal. Casou-se com uma mulher, apezar de conhecer-lhe o passado, que continúa a ridicularisal-o como o fazia com os seus antecessores. A evidencia, porém, não o convence. Elle a vê atravez do seu amor, como desejava que fosse, fiel e pura. E' risivel a sua illusão? Não: ella adquire como que uma virtude communicativa. E aquella que é alvo dessa illusão acaba por se deixar commover. Ella se tornará semelhante a sua enganadora imagem. Mais uma vez, o sonho sobrepuja a realidade, creando-a. Não se poderia desejar uma interpretação mais perfeita que a dos Srs. Louis Jouvet, Pierre Renoir e da Sra. Valentine Tessier; e o Sr. Michel Simon tem o seu melhor papel no personagem de um bohemio cynico, de uma corrupção que desarma pela sua ingenuidade.

No "Odéon", "La Famille heureuse", de Valentine e André Jager-Schmidt é feliz apenas na apparencia: nella se occulta a desordem e a immoralidade. Por isso, a uma joven viuva da provincia causa indignação o facto de seu irmão querer entrar para ella. Ella se opporá tenazmente a uma alliança com semelhante gente. Ella, porém, vem a conhecer um homem que lhe faz a côrte, que lhe agrada e a quem vem a ceder. "Ipso facto", acabará sua intransigencia. Esse thema foi desenvolvido de modo agradavel e ligeiro pelos autores e as Sras. Andrée Pascal, Juliette Verneuil, Calvé, os Srs. Pierre Morin, Raymond Girard e Fabry desempenham-na bem.

Pierre Meyer, da Companhia Franceza de Comedias Musicadas que a empreza N. Viggiani apresentará no Theatro Lyrico

O Sr. Louis Artus, que nos deu outr'ora "Cœur de Moineau", em que toda a frivolidade masculina estava tão lindamente analysada, não esqueceu o seu herôe: as fontes embranquecidas, mas o coração sempre joven, elle se tornou "Un homme d'hier", e acceita um pouco imprudentemente de se medir com a mocidade de hoje. Bastante seductor ainda para vencer, junto a uma moça, um adolescente inexperiente, conseguirá elle guardal-a quando o outro voltar com o argumento irresistivel dos seus vinte e cinco annos? O Sr. Artus não trahiu a sua geração: é ella que tem a victoria final. Mas isso é no theatro... Os Srs. Jean Debucourt, Marconi, as Sras. Renée Devillers e Charlotte Lysés representaram perfeitamente na "Renaissance", essa peça que é tambem uma "peça de hontem" pela elegancia castiça de seu estylo, progressão estudada e a arte delicada da sua construcção.

A joven "Compagnie do l'Arpège" teve a louvavel audacia de nos dar duas peças em verso: "Les Amants retrouvés", do Sr. Pierre-Henri Proust, que, sob uma fórma literaria um pouco archaica, mostra de um modo engenhoso o eterno renascimento do amor, e "Le Joli Jeu des Dames", um "marivaudage" do Sr. Marcel Belvianes, bastante agradavel. Terminava o espectaculo um engraçado "sketch" do Sr. Millandy: "Le Grand Amour", com canções e dansas em que podemos apreciar a linda musica de scena do Sr. François de Breteuil e a graça de Mlle. Moussia. — **R. de B.**

Aqui — As cidades, como o Rio de Janeiro, grandes e maravilhosas no seu todo, mas incompletas e defficientes sob varios dos seus aspectos, necessitam de energias emprehendedoras, de homens de iniciativa que apressem a sua solução, em estreita collaboração com os publicos poderes. Nem tudo, na verdade, póde realizar a autoridade a cuja acção directa escapa, muito naturalmente o que diz respeito á actividade industrial ou commercial. Cabe ao esforço individual taes cogitações e o progresso de uma cidade depende da maior ou menor somma de taes valores, bem mais do que da vontade official.

Por pensar dessa maneira é que me não canso de louvar Francisco Serrador. Por pensar dessa maneira tenho incentivado, quanto posso, com applausos, esse typo de emprezario moderno que é N. Viggiani, a quem a cidade deve, já, alguns dos seus melhores momentos de prazer em assumpto de theatro e musica. E' elle uma dessas figuras que se tornam preciosas ás collectividades cultas, pela alliança harmonica, no seu intimo, de um sonho de belleza profissional e de proventos materiaes, sendo que, não raro, empolgadas pelo enthusiasmo pelo seu officio sacrificam estes a aquelle.

Homens como Serrador e Viggiani deviam merecer dos dirigentes attenção especial, collaboradores immediatos que são da administração publica, sem della exigir um ceitil. Infelizmente succede o contrario, senão de parte das altas autoridades, das pequenas, as que não sabem applicar preceitos de leis e regulamentos

criteriosamente, levando em linha de conta a idoneidade moral dos que deante dellas se apresentam. Essas autoridades — na Alfandega, na Policia, na Prefeitura — cream, a todo o instante, embaraços e difficuldades irritantes e desanimadoras. Não é justo e nem é sensato. Geram-se discussões e aborrecimentos que terminam ou pela submissão do interessado a exigencias idiotas e absurdas ou pelo recurso as autoridades superiores, o Inspector da Alfandega, o Chefe de Policia, o Prefeito e, em alguns casos, até os Ministros e Presidente da Republica ! Mas tudo isso consome grande somma de energia que podia ser proveitosamente applicada, sem falar no tempo e dinheiro despendidos inutilmente, para accommodar situações que o bom senso julgaria accommodadas desde o primeiro momento.

Esta cidade precisa de diversões e necessita mais ainda de espectaculos de arte. Procure o governo facilitar a acção fecunda da iniciativa particular e nunca embaraçal-a. Terá, assim, ajudado a si proprio. E procedido com intelligencia.

MARIO NUNES.

Dona Amelia Rey Colaço vae sentir quanto bem lhe quér o Rio de Janeiro e como a admira. A festa em homenagem á distinctissima senhora e á grande artista será das mais bonitas até hoje realisadas aqui. O Lyrico, sem um logar vasio, ha de marcar a noite de 1° de Julho entre as suas noites de gloria.

No programma, a peça "Hora Immaculada" ("L'alba, il giorno, la notte"), de Dario Nicodemi, traduzida por Augusto Gil. Como prologo escreveu o senhor Antonio Guimarães palavras que serão ditas pelo actor senhor Assis Pacheco. Tambem o senhor Raphael Pinheiro escreveu para esta noite uma peça em um acto que será representada pela homenageada e um actor brasileiro.

HISTORIAS COMICAS, tal o titulo geral da palestra de impressões e historietas de theatro, que, a convite da Empreza N. Viggiani, o jornalista e homem de letras João Luso fará hoje, á tarde, no Theatro Casino.

Para dar mais interesse ao seu trabalho, tal como vae ser apresentado ao publico, pediu João Luso a cooperação de alguns artistas dos mais distinctos e applaudidos dos palcos cariocas, a cada um delles escolheu dentre a collecção organizada para a palestra o caso ou facecia que mais lhe agradou ou lhe pareceu de mais effeito, para contar ao auditorio elegante do Casino.

Assim, pois, João Luso terá a collaboração dos artistas Amelia Rey Collaço, Aracy Côrtes, Assis Pacheco, Davina Fraga, J. Figueiredo, Lia Binati, Manoel Durães, Manoelino Teixeira, Maria Clementina, Olga Navarro, Olympio Bastos, Procopio Ferreira, Restier Junior e Robles Monteiro.

AMANHÃ, á noite, no Casino, primeiro recital de Helena de Magalhães Castro. Quarta-feira, á tarde, o segundo

Dona Amelia Rey Colaço, interprete principal da peça "Hora Immaculada", traducção de "L'alba, il giorno, la notte", de Dario Nicodemi, pelo poeta Augusto Gil, cuja primeira será segunda-feira no Theatro Lyrico.

Elsa Gomes vendendo jornaes.

O Parc Royal dá a mão á Casa dos Artistas

Emilia de Olive'ra lendo a buena-dicha entre Luci'a Peres e Robles Monteiro. Em baixo, Eugenia Brazão e Belmira d'Almeida pescando e Edmundo Ma'a policiando.

Teve um exito estupendo a venda festival em favor da Casa dos Artistas no Parc Royal. Durante tres dias foi o caso da cidade. E no fim o senhor Vasco Ortigão entregou um cheque de 20:000$000 á directoria da sympathica associação, vinte por cento das vendas realisadas, e mais 493$, quanto rendeu a "Cabana da Feiticeira", da boa feit'ceira Emilia de Oliveira.

VISTA PARCIAL DE PONTE NOVA, EM MINAS GERAES

SENHORA MARIO ROCHA, ESPOSA DO JUIZ DE DIREITO, EM COMPANHIA DE SEUS FILHINHOS.

MINAS GERAES

MINAS GERAES

UM GRUPO DE VERANISTAS

Em Lindoya - Minas Geraes

O DR. SAMUEL RIBEIRO E SUA EX. FAMILIA

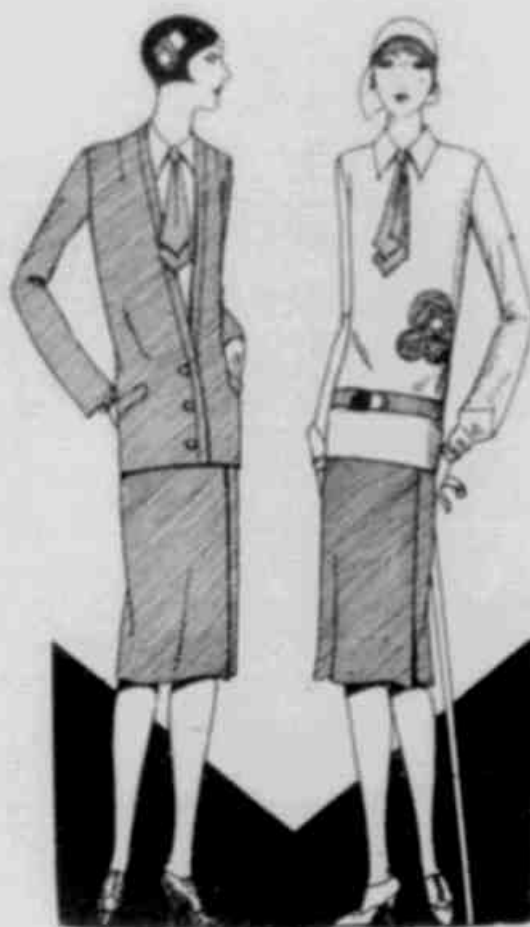
MUITOS dias de sol, quasi de calôr. Alguns de temperatura amena, e, á noite, vento mais frio, certa humidade. Mesmo assim é já o inverno em todo o seu esplendor. O inverno carioca que enfeita as mulheres de péles e roupas escuras, e veste os homens de grossos "pardessus", luvas, polainas, chapéos de feltro. O inverno sentido de accôrdo com o calendario. O inverno que inventou o goso da marcha, do "chopping" (já autorizado pelo Sr. João Ribeiro), a frequencia desusada aos chás — que de todo não sahiram dos habitos elegantes — aos "cocktails", aos theatros, aos bailes.

Illuminam-se vistosos cartazes nas casas de diversões.

Num delles brilha: "Les ingenues de New York", que, segundo affirmam — porque não as fui ver — são endiabradissimas nos seus requebros, nas suas dansas luxuriosas.

Já que falamos de New York, falemos um pouco tambem do concurso mundial de belleza. O Brasil, por meio de um dos seus orgãos de imprensa, adheriu ao interessante pleito.

E o carioca elegeu, num systema eleitoral perfeitamente identico ao praticado pela politica, a mais bella carioca. Vieram as dos Estados. De selecção em selecção, de prova em prova, de medida em medida, tudo ficou no que estava: reeleita a carioca. E a lindissima senhorita partiu para a America do Norte esperançosa de conquistar o titulo de "Miss Universo", emquanto, aqui, os telegrammas fortificavam taes esperanças, numa propaganda sensacional das sensacionaes manifestações á nossa patricia, pelos de lá, e a asserção de que ella figurava como das mais provaveis ao sumptuoso titulo. E os mesmos jornaes que nos transmittiram confiança na victoria; tiveram de dar a noticia da derrota. Infelizmente. Da lista nem constava o nome de Olga Bergamini que para lá foi como embaixadora da belleza, da graça, do encanto da mulher brasileira.

Os nossos professores de esthetica ficaram, então, sabendo que Galveston, só em ultimo recurso lançaria mão das medidas que deram Venus de Milo como perfeitissima. Ficaram sabendo mais que, a condição essencial não é só a belleza do rosto, a graça de maneiras, e, naturalmente, a linha do corpo, mas tambem o typo que não deve ser o da melindrosa. O que elles querem é a mulher de aspecto sadio e não a mulher "fio de linha", cousa, aliás, que tanto preoccupa as nossas meninas elegantes e as obriga ao mortificador regimen da fome.

Pensam assim os esthetas de Galveston. Pensam de modo contrario os que contratam mulheres para Cinema, os esthetas de Hollywood que despedem artistas que já adquiriram fama, só por terem engordado umas tantas grammas... Talvez o façam por espirito de contradicção, o mesmo que predominou na confecção do letreiro "Les ingenues de New York", a que alludi.

* * *

Agora, da poesia da belleza physica á belleza poetica do espirito. Laura da Fonseca e Silva Brandão, nome altamente conhecido dos nossos intellectuaes, essa moça que abraçou devotadamente um ideal, e marcha, e vibra, e prega confiante na victoria da sua causa, ideal respeitavel, porque sincero, digno, porque altruista, ainda que delle se possa discordar, acaba de me distinguir com o offerecimento de um livro de versos, que publicou em 1915, e ao qual deu, simplesmente, o nome de "Poesia".

Nesta pagina ás futilidades, aos enfeites das mulheres, não tem cabida critica literaria, nem a tanto pretendo eu, fazedora da pequena chronica, da chronica ligeira. Isso, porém, não me impede de agradecer-lhe daqui os seus versos que são lindissimos, de um lyrismo antigo mas sempre encantador, que enleia, que enthusiasma.

Ahi está "Segredo":

Não perturbeis o goso inofensivo
De quem vive sonhando:
Deixai que eu vá vivendo como vivo,
Sem saber até quando...

E como perguntais porque motivo
Tão pensativa eu ando,
Digo que vive Alguem tão pensativo
Em quem vivo pensando!

Oh! Pensamento e Sonho, azas da Vida!
Trilhos do Céo, por onde alcançaremos
A Gloria-Promettida!

Oh! Distancia e Saudade, bens supremos!
Delicia, pelo mundo, inentendida...
Cousas de poetas — nós nos entendemos...

* * *

— *13 poemas* — de Martins Mendes, Poeta dos novos, de Cataguazes, onde se filiou a outros tambem modernos e são: Rosario Fusco, Henrique de Resende, Ascanio Lopes, Guilhermino Cesar, Francisco I. Peisoto.

"*13 poemas*" é um livrinho interessante, bem encadernado pela casa editora "Verde", tambem de Cataguazes. Recebi-o com dedicatoria que muito agradeço. Começa assim:

"HISTORIA SEM FIM"

era uma vez...
Re...ti...cem...ci...as...

O fio de ouro
da historia do nosso amor
rebentou.

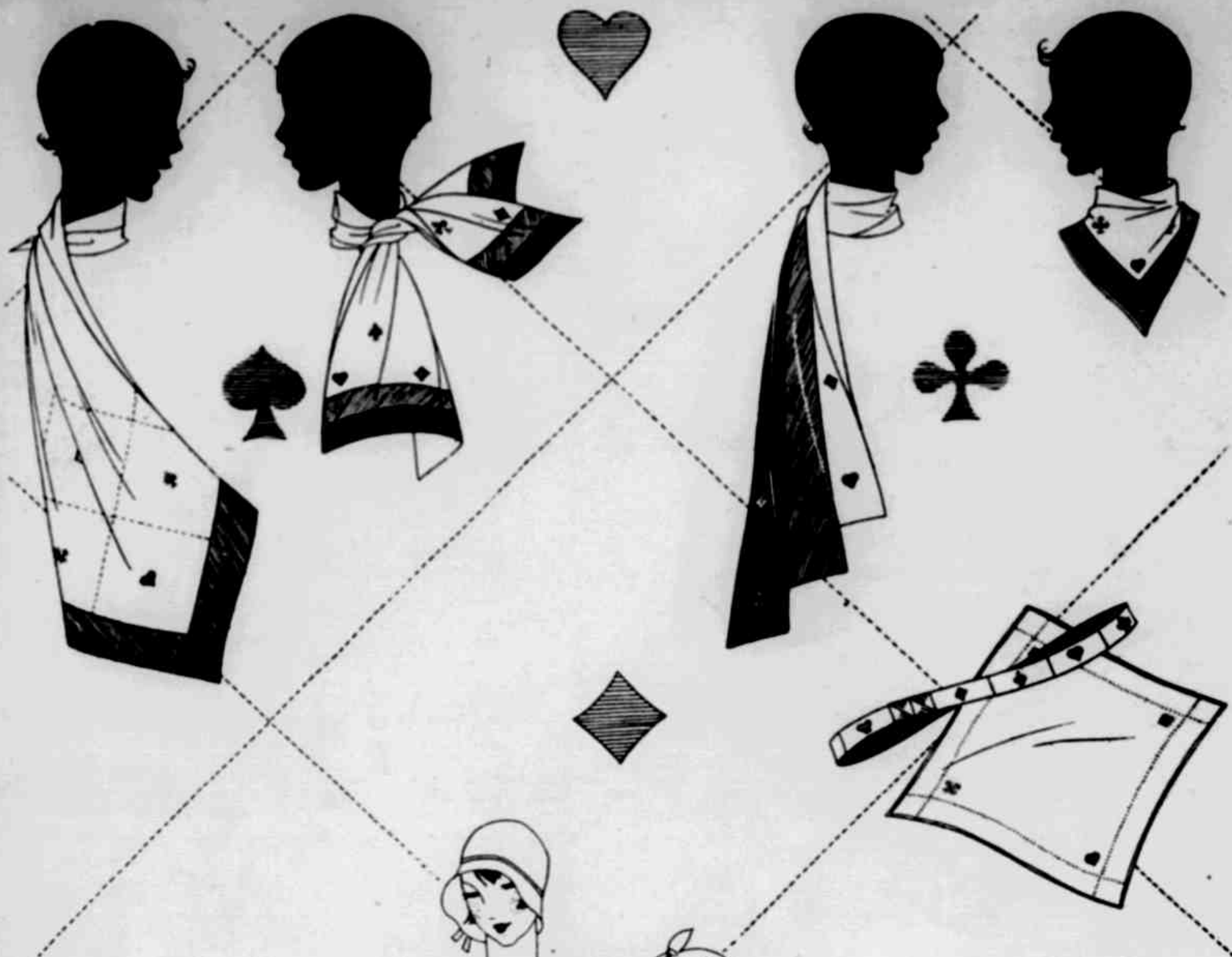
Está fechado o romance de minha vida.

(*Personagens:*
Eu e Tu.
Assumpto: Amôr.
Autores: Nós.
Editores: Nós.)

As paginas escriptas:
Paginas verdes,
Paginas brancas,
Paginas azues.

Paginas
e
Paginas
De sonho,
de esperança,
de illusão.

Sabe-as de côr dona
[Saudade
que as recita baixinho,
quasi chorando,
para dona Lembrança,
com a voz do silencio,
com a voz da noite,
— voz que só a dona
[Saudade tem...

Era uma vez...
Re...ti... cen... ci...
[as...
e re... ti..., cen... ci...
[as...

Ainda é por falta de espaço que deixo de publicar as opiniões das minhas leitoras sobre acabamen.o de tecidos e côr inalteravel, campanha que vem interessando tambem, e muito, o nosso commercio.

• • •

Os figurinos de hoje: elegantes nos salões de A. Dorét, cabellereiro da alta sociedade e perfumista fino: costume de Jersey verde, saia enveloppe e casaco guarnecido de viez do mesmo panno; "sweater" de jersey branco bordado de verde agua; vestido de crépe da China rosa velho, saia toda trabalhada em prégas; vestido de crêpe da China estampado, havana e branco, enfeitado de crêpe liso, branco ou havana.

• • •

Secção de agulha: écharpes, lenços, blusas, cintos, bordados com as figuras dos jogos de cartas. Az de ouro, em vermelho, az de espadas e az de páos, em preto, ficam muito bonitos bordados a lã no crêpe da China, "georgette", e mesmo na flanella.

SORCIÈRE

O L G A

T S C H E C H O V A

Tinha vindo antes. Mas quando veiu na fita do Moulin Rouge é que foi um caso sério. Não tem a juventude esportiva das actrizes americanas. Tem um veneno bom que entra pelos olhos e é melhor que cocaina.

Dr. Generoso Ponce Filho, que pela terceira vez acaba de ser eleito director geral do Centro Mattogrossense e cujo discurso por occasião de sua posse é um dos melhores estudos que se tem feito do grande Estado central.

Posto 2 — Copacabana (Photo Guimarães Martins)

Inauguração do Café da Ordem (de São Francisco), no Largo da Carioca.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

Menos perseguições, e odios nos grangeam as más acções, que fazemos, do que as virtudes, que possuimos.

Lêda, filha da Sra. D. Emilia Paixão Frechette e do Sr. Carlos Frechette, Junior, do commercio desta praça.

O milagre das rosas

(FIM)

talvez por ignorar-lhe o nome, — vae chamar o jardineiro.

O pretinho partiu ligeiro, voltando pouco depois, acompanhado de João Pedro.

Alfredo justificou o chamado, dizendo ao velho que queria visitar o jardim, em sua companhia.

João Pedro seguiu-o, em silencio, a revolver o chapéo de palha nas mãos, embaraçado, como se fosse um empregado novo na casa.

Estiveram os dois, mais de tres horas entre as flores, especialmente no roseiral. Ahi não houve talvez roseira alguma que não fosse meticulosamente examinada pelo rapaz. João Pedro era obrigado a dizer-lhe o nome e a origem de cada uma, o que fazia a custo, sempre entre equivocos pessimamente corrigidos, que afinal só serviam para estabelecer mais confusão e demonstrar a sua ignorancia profissional, respeito á jardinagem.

Maria-Adelaide, que continuava vigiando dissimuladamente todo o movimento, logo comprehendeu que o motivo dessa primeira inspecção do amo, fôra constatar se, effectivamente, não havia em casa, as taes rosas de França, que naturalmente elle tinha visto outra vez no tumulo da mãe, e sentiu uma ligeira intima, um inexplicavel regosijo interior quando o viu entrar novamente em casa, decepcionado, como quem tivesse partido com a certeza de encontrar a solução dum enigma e voltasse agora da jornada, mais embaraçado ainda nos meandros desse mesmo enigma.

Effectivamente, o fito do rapaz, inspeccionando o jardim, fora verificar se nelle não havia as famosas rosas que tanta admiração lhe tinham causado na primeira vez que as vira no tumulo da mãe, e que nessa mesma manhã tinha encontrado novamente, vivas e lindas, dispostas com a mesma graça e com a mesma elegancia do domingo anterior.

Se a impressão que lhe tinham causado essas rosas, da primeira vez que as vira, fôra de admiração pela belleza e suavidade da côr e pelo viço e frescura que ostentavam, agora essa mesma impressão crescia pelo mysterio que parecia envolvel-as. O seu espirito enfraquecido pelo desanimo a que se entregára inconscientemente, empolgava-se deante desse facto, emprestando-lhe o fulgor ficticio do maravilhoso.

De resto, ao resultado improficuo que obtivera na sua inspecção, vinha juntar-se o testemunho irrecusavel de duas pessoas a quem elle tinha interrogado a respeito. A primeira fôra o proprio encarregado do cemiterio, que lhe declarára não saber quem punha no tumulo de sua mãe aquellas rosas, que afinal — lembrava-se — ter visto, sempre novas e frescas, desde muito tempo atraz. A segunda fôra João Pedro, que juràra á fé dos Evangelhos, não ter visto nenhuma pessoa colher flores no jardim, e nem ter sahido ninguem de casa nas duas ultimas semanas decorridas.

—

Passou o resto do dia, sem nenhuma outra novidade.

Na manhã seguinte, porém, logo que recomeçou a vida na fazenda, correu, célere, a noticia de que Alfredo sahira, antes do sol apontar.

Era verdade. Maria-Adelaide constatou, interrogando o preto velho que mo-

rava á beira da estrada, num rancho, e que se levantava sempre, quando ainda havia estrellas no céo.

O rapaz voltou ao meio dia. Almoçou sem dizer palavra, e sahiu logo depois. Quando retornou á casa, já era noite cerrada.

No dia seguinte e em todos os outros, até sabbado, o rapaz continuou sahindo e voltando systematicamente ás mesmas horas. Nunca estivera mais mudo, nem mais distrahido; parecia ter-se afundado, corpo e alma, num barathro de cogitações.

Maria-Adelaide, penalisada, via aquillo com máos olhos. Meneava a cabeça com tristeza e cerrando os labios, estalava a lingua de encontro aos dentes, impossibilitada de achar expressões ou gestos para dizer mais eloquentemente que aquillo era um caso perdido.

Os outros creados da casa seguiam-lhe as deducções e demonstravam-lhe os mesmos receios. Afinal, se humanisavam agora, lastimando a mocidade do amo que viam desapparecer vertiginosamente, tragada por um mal que elles reputavam diabolico.

Enganavam-se, porém. O rapaz agora é que começava a ter saude. Preoccupava-o tanto esse problema apparente das rosas que, todo o seu ardor, toda a sua energia, toda a sua vitalidade, se inclinavam, num esforço ingente para solvel-o, mesmo a custa de qualquer sacrificio. Era comprehensivel, pois, que as suas repetidas sahidas ultimamente não eram originadas por nenhuma influencia malefica, como a gente de casa julgava, nem tampouco resultavam de alguma profunda impressão mystica. Eram, isso sim, uma curiosidade insofreavel, um desejo immenso de saber

quem punha aquellas rosas no tumulo de sua mãe, que tinha tanto cuidado, tanta dedicação em conservar sempre alegremente enfeitada a sua ultima morada. E tanto se empenhava nisso, que todos os dias dessa ultima semana, passara-os de atalaia, atraz de um alto fuste de trepadeiras, a vigiar o tumulo da mãe, desde que o encarregado do cemiterio abria o modesto portão, aos primeiros albores do dia, até que o cerrava, quando o ultimo raio de sol desapparecia atraz das longinquas montanhas que se viam além, enfumadas, no horizonte azulado. Mas nenhum resultado positivo surgira ainda dessa continua vigilancia. O mysterio continuava cada vez mais insoluvel. Ou fosse porque o tempo se conservava sombrio e humido, ou porque de facto as rosas provinham de um jardim extra-terreno, o facto era que elle não as tinha visto ainda siquer murchar.

Agora restava-lhe da semana, apenas o domingo. Sem saber porque, toda a sua esperança se concentrava nesse dia, no qual elle tinha quasi certeza de que descobriria alguma cousa. Foi, portanto, na maior das impaciencias que passou a noite, e logo que os primeiros vestigios do dia se mostraram no oriente, saltou da cama onde apenas dormitára, vestiu-se ás pressas e como se fosse um criminoso perseguido, sahiu, occultando-se cuidadosamente.

Chegou ao cemiterio, quando ainda estava fechado o portão. Mas não se deteve por isso. Escalou o muro, que era baixo e correu para o seu posto costumado, atraz do alto fuste de trepadeiras.

Fazia frio. Durante a noite cahira copioso orvalho, que molhára os caminhos e fazia rebrilhar agora a relva, vivamente, nos cambiantes multicôres da luz matinal. Um silencio infinito pesava no espaço. Apenas, de quando em quando, um grito longinquo de ave, ou o ruido furtivo de algum reptil, quebrava a monotonia do local, para tornar mais pesado ainda o silencio, depois desse signal fugacissimo de vida...

Aos poucos, porém, o sol começou a apparecer, dourando tudo. O campo começou a despertar, vagarosamente. Lá embaixo passaram duas mulheres, embrulhadas em longas mantilhas, apressadas para a primeira missa. Depois, uma carreta puxada por bois, os eixos rangindo, ao peso duma enorme carga de feno...

O portão do cemiterio abriu-se...

Alfredo continuou firme no seu posto de observação. Deante delle, na área fronteira, viam-se vinte ou trinta sepulturas iguaes, umas junto ás outras. Uma dellas, mais limpa e florida, era a de sua mãe. Os seus olhos estavam ali, fixos, paralysados, esperando ver surgir a cada instante uma imagem radiosa e delicada, para ageitar ou substituir aquellas flores que começavam a despetalar-se...

A attenção com que elle olhava aquella sepultura, era absoluta. Mas era uma attenção apparente, porque se a materia velava ali com tanta tenacidade e afinco, em troca, o espirito evolára-se, irresistivelmente attrahido pelo fulgor dessa manhã maravilhosa, e perdera-se na paz serena e no encanto mysterioso dos sonhos e dos devaneios.

Renascia-lhe, com a saude do corpo, a parte sensivel da alma que até ali se conservára semi-morta, e desvendava-lhe agora, subtilmente, arcanos de piedade e ternura que elle sempre desconhecera.

Mais homem, mais forte agora, vinha-lhe, nesse romper de dia, a alvorada crystalina de emoções ineditas...

Alfredo estremeceu de repente, comprehendendo que a magua que parecia querer consumil-o inteiramente, findára o seu recurso destructivo sem alcançar o fim proposto, e dera logar em sua alma a sentimentos novos de arte e de encanto ineffaveis...

Começou então a prestar attenção á belleza grandiosa e selvagem da natureza, que já vira cem vezes, mas onde nunca se fixára, e dentro em pouco ficou completamente absorvido por esses mil nadas que constituem o espectaculo diuturno dos campos affanosos, nos quaes, porém, elle nunca encontrára, antes, interesse de observação.

Dali de onde elle estava, em cima de um promontorio, via-se uma grande extensão de terras, parte de fazendas, uma longa faixa da estrada real, onde havia

uma febril agitação de vida e de trabalho. Um moinho vermelho, como uma grande rosacéa girando, prendia-lhe tanto a attenção como um laranjal eivado do pômos de ouro, ou como o rio, cheio das ultimas chuvas, que corria com ruido no seu leito, entre pedras brancas como a neve e algas verdes e tiritantes...

Subitamente um ruido mais forte reintegrou-lhe o animo. Fixou-lhe a attenção. Na alea fronteira, onde estavam as sepulturas que elle vigiava, surgira de repente um vulto delicado de mulher. Caminhava lepidamente este vulto, envolto numa grande capa negra, que lhe vinha da cabeça aos pés, deixando apenas perceber-se a desenvoltura e a elegancia do porte feminil.

Alfredo não poude ver o rosto, mas adivinhou logo que não era uma mulher do campo. Os tacões altos dos sapatos de verniz, o côrte elegante e muito moderno da capa e principalmente o desembaraço do andar e dos gestos, denunciaram-lhe logo uma mulher da cidade, e uma mulher elegante.

Nesse momento o seu exame foi interrompido por uma cousa inaudita. O vulto parára justamente deante do tumulo de sua mãe, e começou desde logo, com o desembaraço proprio de quem estava habituado a fazer aquillo, a tirar as rosas meio fanadas dos vasos, substituindo-as por outras, absolutamente iguaes, novas e frescas, como se tivessem sido colhidas ali mesmo de alguma portentosa roseira.

Alfredo teve impetos de abandonar o seu esconderijo para correr ao encontro daquelle mysterioso vulto, afim de beber-lhe as palavras que lhe fariam comprehender o motivo daquella dedicação tão extremada, que para elle era um enigma cada vez mais indecifravel. Mas outra força maior, mais poderosa, paralysou-lhe os gestos e fel-o ficar ali, cada vez mais inactivo e mais mudo, mais escondido e assombrado.

O delicado vulto findou o trabalho e limpou cuidadosamente os marmores da sepultura florida. Depois, ajoelhou-se respeitosamente, cruzando sobre o peito as mãos pequeninas calçadas de luvas pretas e assim permaneceu alguns minutos, que ao rapaz pareceram seculos.

No contraste roseo das flores, aquella figura negra, franzina e elegante, parecia uma Elegia...

O vulto ergueu-se por fim. Envolveu mais estreitamente o corpo na ampla capa, e depois, lançando um ultimo e demorado olhar á sepultura, retirou-se tão apressadamente como chegára.

Só ahi quebrou-se o encantamento que o subjugára. A desapparição daquelle vulto, que por um poder sobrenatural fizera-o ficar petrificado, restituia-lhe agora o uso pleno dos sentidos e da acção.

Desceu, rapido, da elevação onde se encontrava e ao chegar embaixo, poude rever ainda, longe, no fim da avenida de platanos, o vulto negro, que quasi desapparecia novamente como uma sombra fantastica.

Começou a correr, sem saber o que fazia. Aquelle vulto attrahia-o... queria ir com elle...

Chegou ao portão, esbafurido. Olhou a estrada. Estava deserta; o vulto desapparecera...

De parte, olhando-o parvamente, estava um homem moreno, com as calças levantadas até aos joelhos, apoiado no cabo de um sacho de jardim. Era o encarregado do cemiterio.

Alfredo interpellou-o vivamente:

— Ricardo, você não viu sahir por aqui uma mulher?

O homem respondeu affirmativamente, com um signal de cabeça.

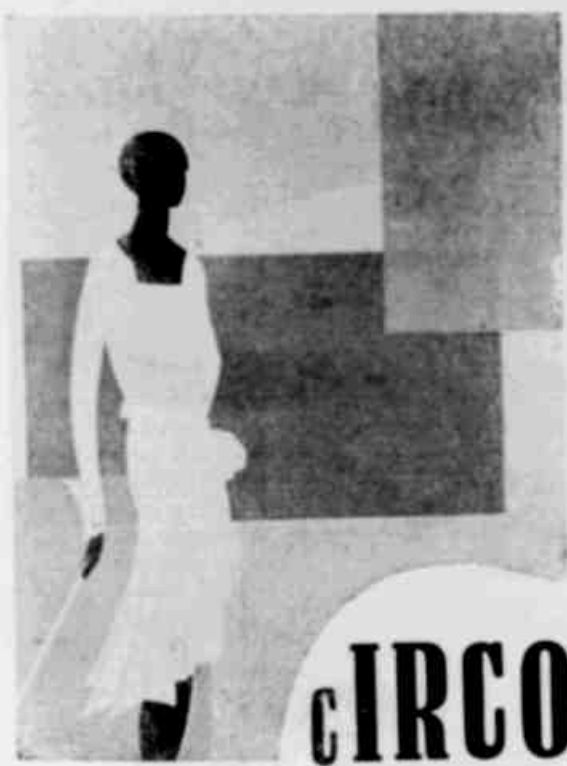
O rapaz suspirou alliviado. Não era impressão sua, como começava a julgar. Limpou com o lenço o suor frio que lhe escorria pela fronte, e sentindo-se pouco a pouco livre daquella excitação, tornou a indagar:

— Conheces, Ricardo, aquella mulher?

O homem riu alto, num riso parvo, deixando cahir da bocca o longo cigarro de palha.

— Ora essa, seu moço... Antão vancê não conheceu a muié? Até parece istoria...

E como Alfredo se impertigasse, retrucando seccamente que não era obrigado a conhecer toda gente, visto que nem siquer conhecia os seus Endeiros, o homem explicou-se, contricto:

effectivamente, sua mãe, tempos atraz.

— Me adescurpe seu Arfredo... Pensava que você cunhecia a moça... Não ha gente que não cunheça a Theresinha...

O rapaz estremeceu bruscamente, e repetia, inconsciente:

— A Theresinha?!...

— A Theresinha, sim, a fia do finado Manéca... a fessôra da villa... Ora essa, pois si foi sua mãe que la mandou pra cidade instudá...

Alfredo voltou-se á realidade dessa revelação imprevista. Lembrava-se que, effectivamente, sua mãe, tempos atraz, logo que elle fôra para os estudos, tomára conta de uma menina orphã. Sabia tambem que essa menina fôra levada á cidade, onde sua mãe a internára num grande collegio catholico. Mas a partir dahi nada mais soubera.

Despediu-se cortezmente do guarda do cemiterio, a quem deu como de habito alguns nickeis, e deixou-se ir, estrada afóra, a raciocinar sobre o desenlace dessa estranha aventura. O raciocinio, a principio vago, foi tomando corpo até solidificar-se completamente. Comprehendeu, então, que aquella dedicação, aquelle cuidado anonymo, nada mais eram que a manifestação dum incommensuravel agradecimento á morta bem amada, que tantos beneficios tinha proporcionado á pobreza daquelles sitios, e a ella principalmente, a essa Theresinha que elle não conhecia, mas que se lhe afigurava tão linda e tão meiga como a propria santinha... E ao chegar á casa, o rapaz, dentro de si, não tinha mais do que estas duas cousas: — Uma amizade immensa por aquella moça que não conhecia e um desejo incoercivel de agradecer-lhe pessoalmente os cuidados desvelados que dedicára ao tumulo de sua mãe.

A creadagem, como de costume, vigiava a chegada do amo, dissimuladamente. E naquelle momento, apezar do sol forte que tudo illuminava, a casa pareceu ficar mais clara quando elle entrou. Todo elle denunciava felicidade interior. A sua jovialidade reapparecia, na face, nos gestos, nas palavras de carinho com que desde a entrada foi dizendo aos cães, aos moleques, a dois ou tres jornaleiros que gosavam, á porteira, o descanso dominical.

Ao almoço, foi ainda Maria-Adelaide, quem gosou a alegria suprema da sua confissão. Ao servir-lhe o café, foi ella quem ouviu delle, num alvoroço infantil, as seguintes palavras alvicareiras:

— Tens razão, Maria-Adelaide, é realmente Santa Theresinha, quem põe as rosas de França no tumulo de minha mãe...

E como a velha creada sorrisse, entre incredula e triumphante:

— Foi sim... ou antes, foi ella quem mandou a outra Theresinha, a professora da villa, para que eu a conhecesse e a amasse...

Tempos depois, quem passava pela fazendola, não a reconheceria. Toda a esterilidade do sólo, que deixava ver a limpo o grande casarão, ao longe, descaiado e sujo exteriormente, desapparecera.

A' entrada, velada por grades brancas, estendia-se um roseiral maravilhosamente cuidado e quasi sempre florido. E cousa estranha!... eram sómente rosas de França que se viam ali.

O viajante extasiado que via isso a principio, prestava mais attenção e via a casa, remoçada, limpa, pintada de azul, dum azul muito claro, onde alvejava uma placa branca, larga, por cima do beiral de telha, e onde se lia: — ESCOLA THERESINHA DE JESUS.

Mais um pouco de attenção do viajante, que via, ao lado direito da casa, rodeados duma chusma de creanças de todos os typos, côres e sexos, dois vultos, como se fossem namorados.

Eram os donos dessa mansão de paz e de alegria.

E iá lá iam cinco annos que haviam casado e que, ali, eram tidos por todos como dois anjos salvadores, como dois guardas poderosos e invenciveis das creanças. Não tinham filhos, por isso talvez, amavam extremecidamente os dos outros, como se fossem seus...

Não era raro que indagassem o segredo daquella grande ventura. E menos raro ainda era ouvir-se da bocca de todos os moradores dali, que o segredo, se o havia, era decerto o da intercessão de Santa Theresinha, que realizára um novo milagre com as suas rosas symbolicas...

ALVARO DELFINO.

Outomno — 1929.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

RÉO (São Paulo) — Graphia desigual: sensibilidade, mobilidade, agitação emotividade; nota-se ainda delicadeza, fraqueza, inconstancia, volubilidade, alegria de viver, enthusiasmo, ambição, esperança.

O côrte dos tt dá signal de teimosia, obstinação.

As palavras abreviadas demonstrem pressa, impaciencia, nervosismo, e aquelle traço duplo com que termina seu nome de familia é uma prova de que é vingativa, não perdoando offensas.

LYRIA (Rio) — Sua graphia é muito semelhante á antecedente, isto é: á letra de Réo (salvo seja).

Noto mais ainda amor ás viagens, ao luxo, ao conforto, pouco cultivo intellectual, bondade, generosidade, indulgencia, doçura.

O horoscopo das pessoas nascidas a 3 de Dezembro é o seguinte: São francas, generosas, perdularias e progressistas por influencia de Jupiter. Por influencia de Marte são energicas, resolutas, impetuosas.

Fazem sempre tudo com grande enthusiasmo e com desejo de progredir. Têm uma grande previsão do futuro e gostam de gozar as bôas cousas que a vida offerece.

As mulheres são ordeiras e optimas donas de casa.

FELI CIDADE (São Paulo) — Nas duas linhas sinuosas que mandou para estudo, púde ver apenas maleabilidade de caracter, pouco amor á verdade, espirito accommodaticio, impressionabilidade. A letra pequenina é signal de mesquinharia, minucia, fadiga, talvez até myopia.

Vejo ainda teimosia, obstinação, força de vontade, capricho, achando sempre que o que fez está muito bem feito e se agastando com quaesquer observações.

GAUCHINHA FARRISTA (Porto Alegre) — Apezar de ter pedido que lhe respondesse "o mais breve possivel", sómente hoje lhe chegou a vez. São tantas as consulentes!

Espirito irrequieto, brincalhão, despreoccupado, loquaz. Falta absoluta de ordem, de attenção, não reparando em cousa alguma, nem na sua propria pessoa. O juizo dos outros a seu respeito? ... Pouco lhe importa. Sua divisa parece que é esta: "A vida é uma gargalhada". Vamos viver, portanto, rindo. Não é isto?

ROSA DE MAIO (São Paulo) — A perfeita antithese da precedente: Ordem, prudencia, moderação, sendo esthetico, emotividade, delicadeza, sensibilidade aguda.

Noto tambem um pouco de força de vontade e energia para sustentar suas opiniões e pontos de vistas. Algum nervosismo. Fina elegancia e distincção de maneiras.

O traço alongado com que termina quasi todas as palavras, rematando-o com um pequeno gancho, arpão ou mesmo um ponto, denota firmeza de caracter, resposta prompta e immediata ao ataque, assim como o gosto de dar sempre a ultima palavra em qualquer assumpto ou discussão.

SEMPRE-VIVA (São Paulo) — Parece mais uma violeta do que sempre-viva. E' modesta, simples, bondosa, generosa, indulgente, sensivel como a amiguinha Flor de Maio, não tendo, porém, como tem ella, nenhum assomo de nergia, nem de força de vontade. E' timida, indecisa, acanhada, mesmo. Um tanto impaciente, o que póde ser levado á conta do nervosismo, assim como sua notabilidade e inconstancia. No momento de escrever tinha uma preoccupação qualquer revelada na graphia das palavras: "Desejando" e "desde já" com que inicia os dois unicos e laconicos periodos da sua delicada cartinha. Não é verdade?

GAUCHA (Rio Grande do Sul—Jaguary) — Sua letra grande revela grandes aspirações, imaginação fecunda, generosidade, um pouco mesmo de orgulho. A margem larga deixada á esquerda da grande folha de papel, onde, entretanto, as linhas vão até o fim da margem opposta, denota prodigalidade, falta do senso da medida, espirito de iniciativa, enthusiasmo.

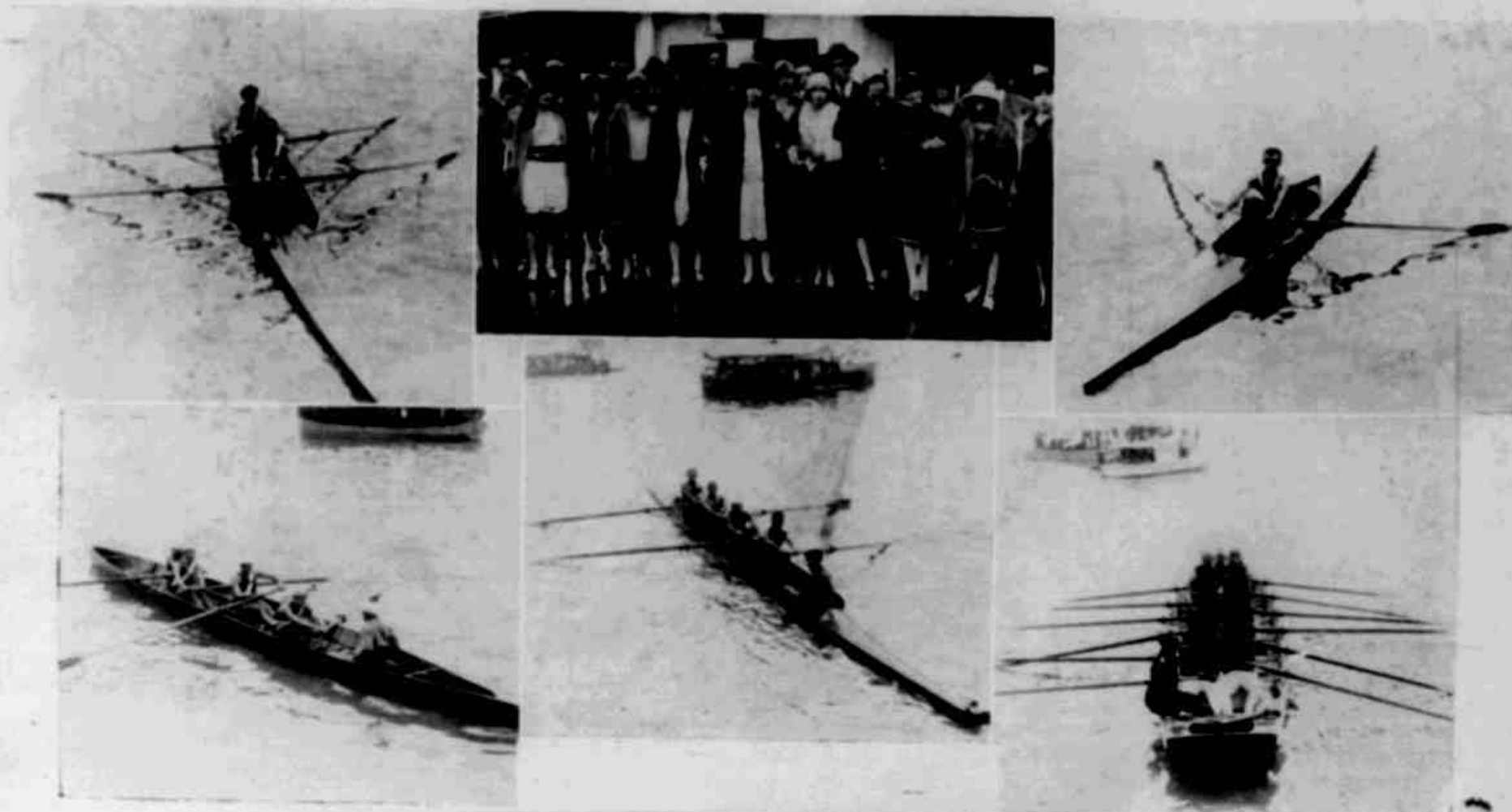
Grande desembaraço, um pouco de sensualismo nos traços cheios de tinta de sua graphia.

Franca, sincera, cheia de firmeza e com bastante cultura intellectual. Os traços em angulo agudo com que sublinha seu nome, denotam espirito combativo, não desprezando a occasião de se vingar, pois crê que a vingança é o prazer dos deuses".

GWINPLAINE (São Paulo) — Acha que basta um nome, um pseudonymo para que se faça um estudo graphologico? Apezar de ser muitissimo pouco, vejo que se trata de uma pessoa autoritaria, teimosa, não admittindo que a contrariem e mascarando com o nome de neurasthenia sua má-creação.

NILO SIDNEY (Tibagy—Paraná) — Letra inclinada para a esquerda significa: desconfiança, dissimulação, contensão de espirito. Ha mais ainda: pouco amor á verdade, alguma hypocrisia, sensualismo.

Nas linhas descendentes se nota fadiga, tristeza, melancolia, depressão nervosa, uma preoccupação qualquer de espirito. O traço final anguloso com que rubrica sua assignatura demonstra combatividade, espirito de vingança, aggressividade; firmeza de opiniões.

GRAPHOLOGO

Temporada do Remo

Regata de Novissimos

Varios instantaneos para lembrança da linda festa nautica que foi de gloria para o C. R. Guanabara.

Officinas Graphicas d'O MALHO